

II Instituto de Estudos Linguísticos



“Desafios e tendências na Região Sul”

CADERNO DE RESUMOS

TERÇA-FEIRA (10 de novembro de 2015)

15h30min às 18h – Apresentações dos GTs.

GT 1 - As Leituras da Metáfora

Local: Sala 201 – Bloco B

1. Título: METÁFORAS DA CRÍTICA LITERÁRIA SOBRE A OBRA DE AUGUSTO DOS ANJOS

Autores: Stefani Daiana Kreutz e Valdir Prigol

RESUMO: Com o presente artigo, propõe-se discutir como a crítica literária lê e, para isso, realizou-se um exercício de leitura de metáforas. Tem-se como objetivos identificar algumas metáforas produzidas em dois textos críticos sobre o livro de poemas “Eu”, de Augusto dos Anjos, e compreender como essas metáforas produzem sentidos sobre a obra. Os dois textos definidos como corpus de análise são “O artesanato em Augusto dos Anjos”, de Manoel Cavalcanti Proença, e “Prefácio ao livro Eu”, de Marcelo Backes. Neste trabalho, considera-se metáfora não como figura de linguagem, mas como deslocamento de sentidos, como uma transferência contextual. Considera-se, ainda, que a metáfora mobiliza uma memória de leitura, neste caso, a memória que emerge da leitura realizada pelo crítico. A partir dessas concepções, iniciou-se o percurso metodológico com a identificação de metáforas, chegando-se a duas ideias da crítica literária relacionadas ao livro “Eu”: 'poeta auditivo', do texto de Proença, e 'ardente crueza', do texto de Backes. São duas expressões falando por outras, fazendo emergir sentidos diversos no

discurso sobre a poesia de Augusto dos Anjos. A partir disso, buscou-se identificar as condições de produção das metáforas, os seus deslizamentos no decorrer dos respectivos textos, além da sua historicidade. Com os deslizes e pela memória discursiva, depreendemos que há um incremento no sentido das palavras, para além da literalidade dos termos. Com esse gesto de interpretação da metáfora, por meio do percurso de análise realizado, foi possível fazer uma leitura não somente dos textos críticos, mas também da obra literária, do sujeito autor e do sujeito leitor que fazem parte desse discurso da crítica literária.

PALAVRAS-CHAVE: Crítica Literária. Metáfora. Memória.

2. Título: O DIREITO À LITERATURA: “SONHO ACORDADO” DAS CIVILIZAÇÕES

Autor(a): Fabiane Aparecida Pereira

RESUMO: Este artigo foi desenvolvido a partir da análise da metáfora da literatura como “sonho acordado”, exposta no texto “O direito à Literatura”, presente na obra “Vários Escritos”, de Antônio Cândido. Sob a perspectiva desta metáfora, propõe-se, neste trabalho, um debate

sobre os conceitos de literatura e direito e sobre como o chamado “universo fabulado” da literatura provém os indivíduos de instrução, educação e inclusão social. Analisando-se os deslizamentos da metáfora no texto, sua historicidade e condições de produção, objetiva-se desenvolver uma análise e reflexão sobre o papel (trans)formador da literatura e sua condição de necessidade universal. Através do caráter fabuloso, a literatura institui-se como meio de experiência e vivência, como instrumento de humanização e como transfiguração da vida, pois é produto da própria sociedade, deste modo, pode ser vista como um direito indispensável ao homem, pois o conduz ao autoconhecimento e ao entendimento do outro, assim como permite que seus sonhos sejam concretizados por meio das palavras.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura. Direito. Sonho. Direitos Humanos.

3. Título: A METÁFORA DA BANDEIRA NO DISCURSO INSTITUCIONAL DA RBS
Autor(a): Lia Gabriela Pagoto

RESUMO: O tema educação tem sido tratado de forma especial pela mídia. As reportagens desta editoria tem ganhado cada vez mais espaço no jornalismo brasileiro. Mas, além disso, a preocupação com o panorama da educação brasileira tem figurado em diversos lugares, como nos discursos institucionais de empresas privadas socialmente responsáveis. Dentre essas empresas, o caso da Rede Brasil Sul de Comunicação – RBS chama atenção: é uma empresa de comunicação e jornalismo de grande abrangência nos estados do Rio Grande do Sul e Santa Catarina e também tem um posicionamento social pela educação. Para apresentar esse compromisso social, a RBS utiliza o termo “bandeira institucional”. A bandeira institucional pela educação é a “A Educação Precisa de Respostas”. E foi o deslocamento do termo “bandeira” que nos motivou a pensar os efeitos de sentido que essa imagem faz circular quando anunciada por uma empresa privada como é o caso da RBS. Com base no quadro teórico-metodológico da Análise de Discurso Francesa este artigo procura estudar o funcionamento metafórico do conceito de “bandeira” institucional; em que condições essa metáfora é constituída e que

memórias essa metáfora mobiliza dentro de sua historicidade discursiva.

PALAVRAS-CHAVE: Discurso; Bandeira; Metáfora.

4. Título: A LEITURA COMO PENETRAÇÃO
Autor: Cleber Bicigo

RESUMO: Esta comunicação trata das metáforas de leitura da Crítica Literária. A partir do conceito de metáfora, fundamentado no trabalho do francês Michel Pêcheux, propõe analisar o seu funcionamento na obra Poemas eróticos de Carlos Drummond de Andrade (1987), escrita pela crítica literária Rita de Cassia Barbosa. Nesse livro a crítica propõe uma leitura a partir da penetração nos poemas. Esse gesto de interpretação possibilita analisar a constituição do sujeito crítico literário em relação à obra que analisa e compreender a memória discursiva que sustenta o seu dizer. Essa memória, analisada no funcionamento discursivo-metafórico, marca um posicionamento político-ideológico, cuja investigação histórica aponta para relação entre uma prática científica e uma prática política, materializada na metáfora em que ler significa penetrar.

5. Título: EFEITOS DE SENTIDO DA METÁFORA PRÓ EM PROHAITI
Autor(a): Debora Cristina Costa

RESUMO: Este artigo trata-se de uma reflexão, um exercício de leitura e interpretação sobre a metáfora “pró”, presente no nome e nos documentos referentes ao PROHAITI - Programa de Acesso à Educação Superior da UFFS para estudantes haitianos, da Universidade Federal da Fronteira Sul. Tendo por base os conceitos da Análise de Discurso de linha francesa, inaugurada por Michel Pêcheux nos anos 1960 e desenvolvida no Brasil através dos estudos de Eni Orlandi, nosso objetivo será compreender o funcionamento da metáfora e os efeitos de sentido por ela produzidos ao longo dos textos analisados. A metodologia utilizada foi a identificação da metáfora, a observação de suas condições de aparecimento, seus deslizamentos no decorrer do texto e sua historicidade. Através desse exercício de

interpretação, conseguimos identificar que a metáfora em questão, “pró”, de fato remeteu ao sentido de a favor, em defesa dos direitos humanos, em defesa do povo haitiano e a favor da reconstrução daquele país. Também foi possível observar que a metáfora reapareceu, ao longo dos textos, através de paráfrases, repetições do mesmo significado, mas com uso de palavras e expressões diferentes. O sentido de “pró” se manteve, isto é, estabilizou-se e foi constantemente retomado, repetido em diversos momentos nos documentos analisados. Pelo viés da AD, pode-se interpretar esse processo de repetições como constitutivo do discurso, ou seja, a sustentação do discurso, do mesmo sentido, dito com outras palavras. A partir dessa reflexão, entendemos que sem a metáfora, seus deslizamentos e suas retomadas ao longo do texto, não seria possível identificar e estabelecer os significados do discurso.

6. Título: A METÁFORA DO “JOGO” EM O PARAÍSO É BEM BACANA

Autor(a): Laura Fontana Soares

RESUMO: A partir do corpo a corpo com a obra O Paraíso é bem Bacana, de André Sant’Anna, publicada em 2005, e de minha memória literária, formada por minha trajetória pessoal como leitora, penso em uma metáfora de leitura cabível para esta obra, percebida como “o jogo entre narrador e personagem”. Tal metáfora

pretende compreender este romance do século XXI através do discurso entre narrador e personagens, estes que têm suas vidas narradas e cujo enfoque recai sobre a maneira que a linguagem adotada, ao decorrer da narrativa, constitui uma forma peculiar do narrador em negativo possibilitar que o leitor tenha acesso aos pensamentos da personagem. Valendo-se do conceito de Daniel Link, de que a metáfora surge a partir da leitura, e que leitura é a relação singular entre o que vem do texto (descrição) e o que vem do leitor (interpretação), volto-me à produção dos estudos literários para perceber a historicidade da metáfora de leitura pertinente a este estudo. Este movimento de retomada da produção crítica-literária permite que se estabeleça relação entre a metáfora do “jogo” percebida na obra de Sant’Anna e aquela teorizada por Roland Barthes e Wolfgang Iser. Acerca do conceito geral de metáfora, que embasará esta imagem particular surgida em mim como leitora durante a leitura, utilizo como referência a análise de Pêcheux, que define metáfora como a utilização de uma palavra por outra, um campo por outro. Além desta definição, basear-me-ei na concepção de metáfora de Auerbach, que a interpreta como conexão entre texto e história, aproximando-se do conceito elaborado por Antonio Candido, para quem metáfora é a aproximação entre texto e sociedade.

PALAVRAS-CHAVE: Jogo. Metáfora. Narrador. Personagem.

GT 2 - Corpo, Escrita e Discurso em Michel Foucault

Local: Sala 205 – Bloco B

1. Título: A PRODUÇÃO DO ALCOOLISMO E O CONCEITO DE INTERNAÇÃO COMPULSÓRIA NO BRASIL

Autores: Juliana Deboni e Atílio Butturi Junior

RESUMO: Esse trabalho tem por objetivo estudar alguns aspectos discursivos do processo de construção do alcoolismo como doença social, bem como as consequências da apropriação do discurso do alcoolismo, pelas disciplinas científicas e a produção dos sujeitos alcoolistas. Enfatizar-se-á, também, o processo de judicialização do cuidado em saúde mental e

as crescentes internações compulsórias de pacientes alcoolistas, como resultado dessa articulação dos saberes científicos com os mecanismos e tecnologias de poder. A fim de efetivar a presente investigação recorrer-se-á à analítica do poder como ferramenta teórica e metodológica. Esse processo de trabalho se dará, principalmente, através do estudo das obras Doença Mental e Psicologia, Os Anormais, Vigiar e Punir e O nascimento da Biopolítica, de Michel Foucault. As conclusões apontam para a necessidade de se repensar a internação compulsória como mecanismo

pujante da governamentalidade sobre os corpos dos sujeitos ditos alcoolistas.

2. Título: O CONCEITO DE AUTORIA EM MICHEL FOUCAULT: UM ITINERÁRIO DA ARQUEOLOGIA À ÉTICA

Autor: Atilio Butturi Junior

RESUMO: O trabalho pretende efetuar uma releitura do conceito de autoria de Michel Foucault, definido e comentado a partir de três textos fundamentais: A Arqueologia do Saber, O que é um autor? e A Ordem do Discurso. A hipótese é de que a autoria pode ser lida como um dispositivo – o dispositivo da autoria ou autoral – e que, dessa perspectiva, pode ser problematizado a partir do conceito de resistência e da preocupação ética do chamado “último Foucault”. Para defender tal hipótese, recorre-se inicialmente à descrição do conceito do dispositivo e do conceito de autoria, na arqueogenealogia e segundo alguns comentadores. Depois, traça-se uma discussão entre o dispositivo da autoria e as possibilidades de resistência e de criação subjetiva, presentes em conceitos como epimeleia heautou, crítica ou dessubjetivação. Por fim, sugere-se que o dispositivo da autoria pode ser lido ainda foucaultianamente, desde que segundo a ordem de uma política e de uma luta agonística entre os vivos e os dispositivos.

3. Título: O ARQUIVO EM MICHEL FOUCAULT E AS INFLUÊNCIAS NA FORMULAÇÃO DO ÊTHOS DISCURSIVO DA PRESIDENTA DILMA ROUSSEFF

Autora: Deisi Daiane Gehrke

RESUMO: A problemática de pesquisa a que nos propusemos neste estudo de dissertação volta-se a análise do discurso político, mais precisamente, a análise da maneira como as noções de memória e arquivo, segundo Michel Foucault, influenciam na formulação do Ethos discursivo da atual Presidenta da República Dilma Rousseff, identificando as marcas das experiências vividas por ela no período da Ditadura Militar presentes no discurso proferido atualmente, no período de investigações do escândalo da Lava Jato. O objetivo geral do trabalho é investigar de que forma a memória do período ditatorial induz a formulação do

discurso da presidenta e do Êthos de força e coragem, com uso de expressões como coração valente além da negação de culpa enfatizada pela mesma. Apontar de que maneira isso se apresenta em seu discurso como uma defesa e demonstração de força diante das acusações. O trabalho terá os seguintes objetivos específicos durante a pesquisa: Analisar a definição de arquivo e memória segundo Michel Foucault e identificar os efeitos e influências destes na prática discursiva, na sucessão e ordenação dos enunciados proferidos pela Presidenta Dilma Rousseff; Especificar a conceituação de Êthos discursivo, suas variações, aplicabilidades e importância para a formulação do discurso político; Verificar as origens da expressão Coração Valente os motivos da associação à imagem da Presidenta Dilma e a assimilação do termo na formulação do Êthos de coragem e resistência em seu discurso; Apontar uma breve cronologia dos fatos mais importantes do período de investigações da operação Lava Jato (2014 e 2015); Identificar as definições de governamentalidade e poder em Michel Foucault e o posicionamento da presidenta diante das denúncias de não governamentalidade e pedidos de Impeachment do período de investigação do escândalo da Lava Jato, além das regularidades do escândalo político presentes no período de investigações da operação Lava Jato, as definições de Impeachment segundo a constituição e o histórico das suas ocorrências nas democracias; O objeto de estudo e análise serão uma série de discursos e entrevistas concedidos pela Presidenta da República durante os anos de 2014 e 2015, período mais intenso de investigações do escândalo. Utilizaremos os pressupostos teóricos da Análise de Discurso de tradição Francesa como a utilizada no Brasil, pautados fundamentalmente nos estudos de Michel Foucault.

PALAVRAS CHAVE: Análise do Discurso, Discurso político, Michel Foucault, Arquivo, Êthos.

4. Título: A ORDEM DA ESCRITA ACADÊMICA E (DES)ORDEM DO SUJEITO

Autor: Sandro Braga

RESUMO: Na obra A Ordem do Discurso

Foucault enuncia que o novo não está no que é dito, mas no acontecimento de sua volta. Compreende o autor não como o indivíduo falante que pronunciou ou escreveu um texto, mas o autor como princípio de agrupamento do discurso, como unidade e origem de suas significações como foco de sua coerência. A partir desse pressuposto, pretendemos discutir como se dão os processos de ensino e de aprendizagem da escrita no contexto universitário, uma vez que ainda é muito presente o discurso do insucesso na compreensão de leitura e produção textual imputado aos alunos do ensino superior como incapacidade de reconhecimento da norma linguística. Chamamos atenção à forma com que alunos universitários se engajam ao discurso acadêmico; quais sentidos atribuem às práticas de letramento nesse domínio, bem como quais conflitos se fazem presentes quando acometidos ao ato de ler e escrever na Universidade. Assim, a leitura e a escrita dirigidas a partir das concepções dos letramentos numa perspectiva do discurso implicam que essas atividades sejam pensadas como ações discursivas, ou seja, relacionadas diretamente à vida e aos sujeitos postos em relações de interlocução, para desse modo, ao ler e ao escrever, o sujeito inscreva-se como autor, de seu projeto discursivo. Sabemos que um mesmo texto poderá apresentar leituras possíveis em certas épocas e não em outras, do mesmo modo, leituras e escritas que não são possíveis na academia hoje poderão sê-los no futuro. Diante desse contexto, pretendemos investigar os modos de produzir sentido à produção de leitura e de escrita a partir da relação entre texto e autoria. Interessa-nos interrogar, sob a perspectiva discursiva, como o sujeito na Universidade é arremetido no bojo de sua produção de modo a constituir-se como autor do seu projeto de dizer uma vez que está constantemente submetido aos já ditos das formulações desse lugar de produção

de conhecimento.

5. Título: PARRESIA, CINISMO E CRISTIANISMO PRIMITIVO EM FOUCAULT
Autor: Eric Duarte Ferreira

RESUMO: A ética cínica da constituição de si, de herança (em grande medida) socrática, como matriz de uma maneira de viver dedicada à verdade e à dizer a verdade, foi incorporada pelo modelo cristão de combinar ascese e estilo de vida. Mais do que descrever como se desenvolveu a passagem de uma ascese pagã a uma ascese cristã, a originalidade da proposta foucaultiana a respeito das bases sobre as quais o Cristianismo se instalou reside no exame das diferenças entre os dois modos de constituição de sujeitos, pela via de suas relações com a verdade e com o dizer-verdadeiro. Nesse sentido, nosso interesse de pesquisa se volta para os desdobramentos das indicações foucaultianas sobre as diferenças imprimidas na ética cínica, que permitiram a difusão do modelo cristão primitivo, no tocante à manifestação do discurso da verdade e sua correspondência a um ethos de parresia — em seu sentido positivo, responsável por fundar certa tradição mística do cristianismo. Desse modo, objetiva-se investigar, dentre os últimos trabalhos de Michel Foucault, como a emergência da prática de dizer verdadeiro (parresia) no Cristianismo Primitivo pode ser relacionada à ética da ascese cínica, para se compreender a análise foucaultiana das transformações das relações entre sujeito e verdade que permitiram o aparecimento, no começo de nossa era, de práticas cristãs como o testemunho de vida.

PALAVRAS-CHAVE: Parresia. Cinismo. Cristianismo Primitivo. Foucault. Sujeito. Verdade.

GT 3 - Estudos Sociolinguísticos

Local: Sala 207 – Bloco B

1. Título: ATITUDES LINGUÍSTICAS DOS CHAPECOENSES FRENTE ÀS VARIEDADES DO CATARINENSE E DO NORDESTINO QUANTO A VARIAÇÃO NOS PRONOMES DE

SEGUNDA PESSOA (TU/VOCÊ): PRIMEIROS PASSOS

Autores: Jezebel Batista Lopes e Cláudia Andrea Rost Snichelotto

RESUMO: Resumo: Muito se percebe ainda incutido na fala de brasileiros a concepção de que o Brasil é um país monolíngue, contudo, correntes sociolinguísticas e dialetológicas vem, por meio de investigações da realidade linguística, de modo a mapeá-las, desfazendo este mito. Há variação no uso dos pronomes de segunda pessoa (tu/você) na fala dos informantes das cidades de Chapecó, Florianópolis, Natal e Itabaiana? E os falantes de Chapecó percebem a variação no uso do tu e do você? E qual a atitude frente a essa variação? Esses são alguns dos questionamentos que este projeto objetiva observar. Para tanto, analisar-se-á dados orais que compõem quatro bancos de dados (Falares Sergipanos, Variação e mudança linguística no Português do oeste de Santa Catarina, Banco de dados FALA-RN e Varsul expandido) das cidades foco da pesquisa, com base na metodologia Sociolinguística. Após este primeiro momento, no qual observará os usos das variantes, será aplicado um teste de percepção com base em excertos de fala, estratificados de acordo com a comunidade (Chapecó, Florianópolis, Aracaju, Natal) e socialmente (sexo/gênero, faixa etária, faixa de escolarização), gravados aleatoriamente, como meio de perceber as avaliações e atitudes dos falantes da cidade de Chapecó frente a essas variantes. Após ouvir os áudios, será inquirido de maneira semiestruturada sobre seus julgamentos com base nas seguintes perguntas: Que acha desta fala? Quem está falando? Em que lugar do mapa se situa essa fala?, entre outras perguntas. Destacamos que neste momento objetivamos apresentar um panorama do trabalho que será realizado no decorrer do processo de mapeamento/descrição linguística.

PALAVRAS-CHAVE: Mudança e variação linguística. Pronome de segunda pessoa. Atitudes e julgamentos linguísticos. Sociolinguística variacionista.

2. Título: A INFLUÊNCIA DA ESCOLARIDADE NO USO DOS PRONOMES TU/VOCÊ E NÓS/A GENTE EM CONCÓRDIA – SC
Autora: Lucelene Teresinha Franceschini

RESUMO: O objetivo deste trabalho é analisar a influência da variável escolaridade no uso dos pronomes pessoais nós/a gente e tu/você no

falar de Concórdia – Santa Catarina, cidade de aproximadamente 70 mil habitantes, localizada no oeste do Estado. Este estudo está apoiado, especialmente, nos pressupostos teóricos da Sociolinguística Variacionista. A amostra foi constituída por 24 entrevistas, coletadas entre os anos de 2007 e 2010 pela própria pesquisadora, e distribuídas por duas faixas etárias (26 a 45 anos; 50 anos ou mais); sexo (masculino; feminino) e três níveis de escolaridade (fundamental I; fundamental II; ensino médio). Para a análise estatística dos dados coletados foi utilizado o pacote de programas VARBRUL (PINTZUK, 1988). Os resultados a serem apresentados foram obtidos através da análise de um corpus com 1553 ocorrências dos pronomes nós/a gente: 783 casos de a gente e 770 de nós, o que corresponde a um percentual de aproximadamente 50% para cada um dos pronomes; já em relação aos pronomes tu/você, obtivemos 926 ocorrências, 512 (55%) de tu e 414 de você (45%), resultado que parece indicar que o uso do pronome tu ainda prevalece entre os falantes dessa cidade. Os resultados da variável escolaridade apresentaram tendências opostas: na análise de nós/a gente, os falantes com nível mais elevado de escolaridade, o nível médio, favoreceram o pronome canônico nós, enquanto no nível fundamental I e II o uso da forma inovadora a gente predominou; já na análise da variação tu/você, foi o uso do pronome inovador você que predominou entre os falantes mais escolarizados, enquanto os menos escolarizados fizeram maior uso do pronome canônico tu.

PALAVRAS-CHAVE: Sociolinguística. Variação pronominal. Escolaridade.

3. Título: FORMAS DE TRATAMENTO NOMINAL EM CARTAS DE LEITORES DE PERIÓDICOS DE CHAPECÓ NO SÉCULO XX
Autora: Leila Teixeira da Rosa Strapazzon

RESUMO: O presente trabalho descreve e analisa as Formas de Tratamento Nominal (FTNs) utilizadas em uma amostra aleatória de 15 cartas de leitores, do município de Chapecó, publicadas na década de 50 do século XX. Sendo onze do jornal A voz do Chapecó e quatro do jornal O Imparcial. Esta amostra faz parte de um projeto maior denominado

“Variação e Mudança no Português do Oeste de Santa Catarina”. As questões que motivam a pesquisa são: (i) Quais Formas de Tratamento Nominais eram utilizadas nas cartas de leitores?; (ii) Qual a função das Formas de Tratamento Nominal?; (iii) Estas formas contribuía para a aproximação ou para o distanciamento dos interlocutores?; (iv) Quais fatores socioculturais interferem no uso das Formas de Tratamento Nominal? Para responder a estes questionamentos preliminares, valemo-nos dos pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista e da teoria da polidez linguística. Assim, iniciamos expondo a definição e classificação das FTNs, em seguida, apresentamos a Teoria da Variação e Mudança Linguística. Após, detalhamos a teoria da polidez linguística. Desta maneira, foram identificadas 140 FTNs utilizadas, dentre elas, 28 eram não codificadas e 122 consagradas. Nas FTNs não codificadas a função era predicativa, enquanto nas consagradas era alocutiva. As FTNs não codificadas de caráter pejorativo ofendiam os seus alocutores e conseqüentemente causavam um afastamento entre interlocutores. Observou-se que o recurso da polidez linguística no emprego das FTNs foi pouco recorrente, julgando-se pelo momento histórico de conflitos políticos que Chapecó viveu na década de 50.

PALAVRAS-CHAVE: Sociolinguística. Formas de tratamento nominal. Polidez linguística.

4. Título: VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NOS LIVROS DIDÁTICOS: NORMA-PADRÃO E NÃO-PADRÃO OU VARIEDADES LINGUÍSTICAS DE MAIOR E MENOR PRESTÍGIO SOCIAL?

Autores: Ana Carolina Haupenthal e Luciana Elisabete Valiati

RESUMO: Este trabalho se propõe a analisar as variedades linguísticas e o tratamento que as variedades recebem pelos Livros Didáticos (LDs). Além disso, conscientizar os professores a respeito do modo como apresentar as variações linguísticas aos alunos, de forma que os alunos não se sintam coagidos pelas variedades prestigiadas ou pela norma-padrão, e saibam como variar a língua(gem) em cada contexto situacional. Para avaliar a variação no LD “Projeto Teláris – Língua Portuguesa – 6 °

ano” será utilizado o capítulo “A variação linguística nos livros didáticos” de Bagno (2007), mais especificamente o roteiro que o autor desenvolveu para análise. Ao final da análise se conclui que ainda faltam subsídios aos professores e aos alunos junto ao LD no que tange ao ensino das variedades linguísticas, e para sanar esse déficit, esses subsídios ficam a critério de cada professor pesquisar.

PALAVRAS-CHAVE: Variedades Linguísticas. Livro Didático. PNLD..

5. Título: PLURALIZAÇÃO DE NOMES EM SATERÉ-MAWÉ

Autora: Dulce do Carmo Franceschini

RESUMO: Pretende-se nesta comunicação apresentar uma descrição morfossintática e morfossemântica do funcionamento do plural na Língua Sateré-Mawé. Esta língua, também chamada de Mawé, foi classificada por Aryon D. Rodrigues (1984/1985) como único membro da família linguística do mesmo nome pertencente ao tronco Tupi. Insere-se no grupo das línguas indígenas que apresentam maior número de falantes no Brasil, uma vez que é falada por quase todos os membros do grupo sateré-mawé, cerca de 14 mil pessoas, que habitam a Terra Indígena Andirá-Marau no Baixo-Amazonas, na divida entre os Estados do Amazonas e Pará. Nesta língua, há dois morfemas pluralizadores, {-ria} e {ko'i}. O uso desses morfemas pluralizadores é determinado pelas características semântico-referenciais das entidades sobre as quais incidem, mas também implica em diferentes formas de pluralizar, ou seja, as entidades pluralizadas são percebidas diferentemente: ou como unidades pluralizadas ou como conjuntos pluralizados. Do ponto de vista morfossintático, esses morfemas também se diferenciam, uma vez que o morfema {-ria} funciona como um morfema preso e {ko'i} como um morfema dependente. Quanto ao morfema {-ria}, ele é sufixado aos nomes e apresenta as seguintes variantes: [-ria] ~ [-tia] ~ [-nia]; o uso dessas variantes é condicionado por fatores fonéticos, ou seja, depende do segmento sonoro do final do nome que é determinado. Já o morfema {ko'i} não apresenta variantes, mas, assim como {-ria}, sempre ocorre após o nome que determina, no entanto, nem sempre imediatamente após esse nome. Tem-se,

portanto, como objetivo nesta comunicação, apresentar o funcionamento morfossintático e morfossemântico dessas duas formas de pluralizar em Sateré-Mawé.

PALAVRAS-CHAVE: Língua sateré-mawé. Tronco Tupi. Nomes. Pluralização.

GT 4 - Oralidade, Escrita e Ensino: Diferentes Perspectivas

Local: Sala 208 – Bloco B

1. Título: TEXTO – QUE “BICHO” É ESSE

Autores: Andréia Inês Hanel Cerezoli e Deivid Sacon

RESUMO: Após a divulgação dos PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais) em 1997, que sugeriram o ensino da língua portuguesa durante a escola básica voltado para as atividades comunicativas, tanto editoras de livros didáticos como escolas passaram a apresentar diferentes textos em seus programas. Nesse sentido, nossa pesquisa tem como objetivo identificar quais são os exemplares (gêneros textuais) que os estudantes universitários da UFFS (Campus Erechim), egressos de diferentes escolas da região, categorizam como textos, além de identificar os critérios que os mesmos utilizam para estabelecer tais definições. Nossa pesquisa está fundamentada nas contribuições teóricas da Linguística Textual, mais precisamente, em estudiosos como Marcuschi, Koch, Bentes a partir dos quais buscamos definições científicas para o nosso objeto de investigação “o texto”. Partindo-se das definições elencadas, tivemos a necessidade de buscar as definições para os gêneros textuais (Bakhtin), compreendendo-os a partir de dimensões sociais das atividades mediadas pelos textos, Por meio dessa pesquisa, nos foi possível perceber que a grande maioria dos alunos, embora tenha frequentado a escola após a divulgação dos parâmetros curriculares nacionais, foi vítima de um estudo de língua extremamente limitado, que concebe o texto como um produto cultural da escola e não como formas particulares de interação social, voltado apenas para desenvolver e avaliar progressivamente e sistematicamente as capacidades de escrita dos alunos, como já denunciavam Schneuwly e Dolz (1999). Os alunos, em sua grande maioria, não reconhecem os gêneros orais como textos, nem as multimodalidades presentes em diferentes

gêneros como significativas nos processos de construção dos sentidos, o que denuncia um ensino de língua que não contemplou tais aspectos em seu plano global.

PALAVRAS-CHAVE: Texto. Gêneros textuais. Gêneros orais. Multimodalidades.

2. Título: LEITURA DOS PCNs/LP À LUZ DA TEORIA DA ENUNCIÇÃO BENVENISTIANA: DISSIMETRIA ENTRE O TEXTO E O LEITOR **Autora:** Márcia Elisa Vanzin Boabaid

RESUMO: Este trabalho, a partir da leitura da teoria enunciativa criada por Émile Benveniste, questiona quem são os interlocutores dos Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa do terceiro e quarto ciclos (PCNs/LP). A hipótese que norteou esta pesquisa foi a de que havia uma dissimetria entre o texto, o leitor e o entendimento que esse faz do material textual ocasionada, principalmente, porque o interlocutor – professor da educação básica – não se reconhecia no texto e, como consequência, não estabelecia referência com o texto. Partimos de duas possibilidades de análise: a) o professor de língua materna, para poder fazer uma leitura adequada do documento deve considerar que há uma relação interlocutiva suposta; b) a Teoria da Enunciação de base benvenistiana dispõe de aparato teórico-metodológico que permite reconhecer as marcas no texto que põem em evidência essa relação. A constatação de que havia distorção da imagem do professor idealizada pelo documento e aquele que de fato está na escola e possivelmente lê os PCNs/LP é que este estudo se estruturou, pois a não identificação do leitor “real” com o texto sugere a dissimetria entre os PCNs/LP e o alocutário pretendido. Neste sentido, como implicadores da dificuldade de leitura destacamos o desconhecimento, por parte do professor, das

teorias que estruturam o texto, seja pela falta de clareza terminológica ou pelo despreparo do interlocutor para interpretar textos teóricos, o que sugere espectros diferenciados de compreensão.

PALAVRAS-CHAVE: Texto. Enunciação. Teoria da enunciação. PCNs/LP. Interlocutor.

3. Título: LINGUAGEM, CULTURA E MARKETING: FUNDAMENTADAS NO PARADIGMA INDICIÁRIO

Autores: Fernanda Kreuz Machado e Ana Beatriz Dias

RESUMO: O objetivo deste trabalho consiste em apresentar a proposta metodológica de análise de discurso que vem sendo adotada em atividades de leitura e produção textual, junto ao curso de extensão “Linguagem, cultura e marketing: práticas de leitura e produção de textos” (aprovado pelo edital nº 287/UFFS/Cerro Largo). O curso de extensão é proposto por docentes dos cursos de Graduação em Letras e Administração, da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), com o apoio da Empresa Júnior Integração Júnior – Associação de Consultoria dos Alunos de Administração (UFFS/Cerro Largo). Esse projeto de extensão, dividido em dez módulos, desenvolve análise e produção de textos dos mais diversos gêneros midiáticos, que se valem de estratégias e táticas para cumprir com propósitos comunicativos direcionados à venda e ao consumo de produto. A partir disso, buscamos criar condições, ao longo do projeto para que o texto seja compreendido, antes de tudo, em sua ligação estreita e necessária com as relações sociais concretas, o horizonte social de um grupo, a construção de identidades, a manutenção ou transformação de visões de mundo. Considerando as atividades desenvolvidas no projeto, observamos que o paradigma indiciário como uma metodologia de leitura construída por Ginzburg tem se mostrado relevante na formação de profissionais de Letras e de Administradores dedicados à exploração e compreensão de textos. Como uma abordagem baseada na interpretação de pistas, o paradigma indiciário caracteriza-se pela capacidade de, a partir de materialidades sígnicas tradicionalmente consideradas irrelevantes devido aos seus

pormenores, apontar para uma realidade sócio históricas complexas. Dessa maneira, o trabalho com o paradigma indiciário, se vale das diferentes interpretações dos alunos, estimulando a sensibilidade em relação às pequenas pistas que podemos encontrar em textos, estes relacionados com distintos usos da linguagem dentro dos âmbitos do marketing e na sua utilização em diferentes recursos midiáticos.

PALAVRAS-CHAVE: Linguagem, Marketing, Paradigma indiciário, Análise de Discursos.

4. Título: LITERATURA E CINEMA: UMA CONEXÃO CULTURAL DENTRO DA ESCOLA.

Autores: Jennifer Souza Alvares e Cássius Selvero Pazinato

RESUMO: O presente projeto visa colaborar com a reflexão dos estudantes do Curso de Letras e os alunos da escola envolvida com relação ao ensino de Literatura, principalmente no incentivo à leitura e ao estabelecimento de conexões entre literatura e cinema no mundo atual, sendo esta uma forma de aumentar o nível cultural e conhecimento de mundo das crianças carentes participantes. Por meio de uma abordagem discursiva busca-se estabelecer relações de cooperação entre a instituição escolhida e a Universidade Federal de Santa Maria; a partir do nosso trabalho com livros e audiovisual é conceituado e proposto por nós que eles criem micro-contos, usando essa prática como uma maneira de consolidação do conhecimento adquirido. O objetivo é desenvolver o senso crítico e a interpretação de diferentes materialidades, e discutir sobre os temas pertinentes às suas realidades sociais e o ambiente escolar. A atividade é pensada, pesquisada e desenvolvida pelos integrantes do grupo PET\Letras UFSM. A aplicação se dá com colegiais do 5º e 6º ano da Escola Municipal de Ensino Fundamental Pão dos Pobres Santo Antônio em horário inverso ao da aula; são encontros semanais com auxílio de vídeos – filmes, curtas, documentários – e textos. Além disso o trabalho tem a intenção de mostrar aos envolvidos como literatura e cinema se inserem em uma nova percepção na formação de educandos e educadores. Os resultados parciais obtidos até o momento mostram uma melhoria na análise crítica dos alunos, como

também um aprendizado no trabalho em grupo e uma significativa qualidade na interpretação e realização do gênero textual em questão. O que foi obtido no fim do ciclo escolar anual será apresentado aos integrantes do grupo, escola e a sociedade em geral. Portanto, o projeto está contribuindo para uma nova percepção linguístico-cultural dos alunos, sendo assim, amplia-se não só o espaço educacional mas também o lazer e os conhecimentos gerais deles.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura. Cinema. Conexão. Criação.

5. Título: A RELAÇÃO ENTRE ENUNCIADOS E CONTEXTOS E OS IMPLÍCITOS COMUNICACIONAIS

Autor: Ronaldo Roldão

RESUMO: O presente trabalho tem como proposta a realização de análises pragmáticas de enunciados e suas relações com contextos, tendo como objetivo encontrar as características lingüísticas defendidas pelos teóricos e pesquisadores John Austin, Paul Grice e Oswald Ducrot. Tais teóricos propõem as teorias: 1) dos Atos de Fala (John Austin), que apresenta três classificações: ato

locucionário, ato ilocucionário e ato perlocucionário; 2) do Princípio da Cooperação (Paul Grice), formada por quatro máximas: a máxima da qualidade, da quantidade, da relevância e de modo; e 3) dos Marcadores de Pressuposição (Oswald Ducrot), que abordam as informações que se encontram implícitas no enunciado, tratadas como posto, pressuposto e subentendido. Dessa forma, a problemática principal desse estudo é identificar e apontar, em enunciados extraídos de distintas situações comunicacionais, a presença das características lingüísticas propostas nessas teorias. Para isso, exemplos cotidianos presentes em tirinhas, propagandas e situações de fala do dia a dia, integram o desenvolvimento desse estudo. Tais análises permitem observar que essa área de conhecimento é importante para que se entenda como o ser humano, por meio da linguagem em uso, realiza o processo de comunicação e de como a enunciação carrega sentidos que vão além do sentido explicitamente enunciado, sem comprometer o tema central do diálogo.

PALAVRAS-CHAVE: Pragmática. Pressuposto. Máximas conversacionais. Atos de fala. Linguagem.

GT 5 - Gêneros Textuais como Materialidade para o Ensino de Línguas

Local: Sala 209 – Bloco B

1. Título: O USO DOS GÊNEROS LITERÁRIOS NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM DE LÍNGUA ESPANHOLA

Autores: Jeize de Fátima Batista, Franciele Bottger, Patrícia Kober e Zoé Lidiane Biliar de Oliveira.

RESUMO: A necessidade de uma reflexão em busca de metodologias que favoreçam a prática pedagógica, no que se refere ao processo de ensino-aprendizagem de Língua Estrangeira – neste caso o Espanhol, bem como o trabalho a partir de gêneros textuais que envolvam a leitura crítica, analítica e, também, prazerosa, levou-nos a propor este estudo. A proposta é que os gêneros literários sirvam como instrumentos para a capacitação e o conhecimento da língua e da cultura

estrangeira, além de ser um material autêntico que vai permitir a construção de ambientes de uso real da língua, contribuindo, assim, para a constituição de sujeitos enquanto falantes da L2. O uso dos gêneros literários no ensino de língua espanhola se justifica por permitir uma aproximação à cultura estrangeira, às ideologias, regiões, épocas, estilos, servindo como lugar das manifestações linguísticas e como espaço para constituição de sujeitos e sentidos. Dessa forma, o texto não é visto somente com pretexto para um ensino estruturalista, mas, sim, como um veículo de manifestação de cultura, ideologias e saberes. Assim, o ensino normativo dá espaço a uma metodologia que trabalha a língua em seu funcionamento, na qual a leitura é vista como prática de conhecimento, onde há um processo

de construção e constituição de sujeitos, bem como uma efetiva produção de sentidos que leve em consideração o encontro das manifestações ideológicas com a linguagem. Cabe ressaltar, que ensinar uma língua estrangeira não é somente ensinar a falar e a escrever, é uma tarefa que vai muito além disso. O objetivo principal é que os alunos aprendam o novo idioma, de forma que possam refletir sobre o uso que fazem dele, descobrindo, criando, construindo saberes, superando estágios a partir de situações concretas de uso. Nesse sentido este trabalho buscará refletir sobre esses aspectos e desenvolver sugestões práticas de ensino que envolvam os gêneros literários (contos, fábulas, crônicas, poemas), de forma a dar espaço para que o aluno possa se constituir enquanto sujeito falante de língua espanhola.

PALAVRAS-CHAVE: Língua Espanhola. Gêneros da Literatura. Formação Sujeito. Ensino.

2. Título: ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA A PARTIR DOS GÊNEROS DA LITERATURA: CONSTRUINDO CIDADÃOS CRÍTICOS

Autor(es): Jeize de Fátima Batista, Cleusa Inês Ziesmann e Serli Genz Bölter

RESUMO: Não se pode falar em criticidade e circularidade do saber, nas mais diversas áreas do conhecimento, na relação do sujeito com o mundo, sem falar em leitura. Em todo o seu percurso histórico, a leitura nunca foi tão valorizada como nos dias atuais, hoje, entendida como leitura de mundo, formadora de sujeitos críticos, caminho para apropriação do saber e, conseqüentemente, para a construção do conhecimento que transforma e atua, a leitura têm exigido um trabalho efetivo de formação de leitores competentes, bem como pesquisas como forma de contribuição para os profissionais interessados. Diante disso, este trabalho parte de uma reflexão em busca de metodologias que favoreçam a prática pedagógica, no que se refere ao processo de ensino-aprendizagem de Língua Materna, bem como o trabalho a partir de gêneros textuais que envolvam a leitura crítica, analítica e, também, prazerosa. Nossa proposta é de um trabalho, a partir dos diferentes gêneros da literatura, no qual os alunos irão construindo os saberes em Língua Materna e se constituindo

enquanto sujeitos capazes de atuar no meio em que vivem, posicionando-se criticamente frente ao seu contexto social e ideológico. Dessa forma, o texto não é visto com um pretexto para o ensino de gramática, mas, sim, como um veículo de manifestação de cultura, ideologias e saberes. Assim, o ensino normativo dá espaço a uma metodologia que trabalha a língua em seu funcionamento, na qual a leitura é vista como prática de conhecimento, onde há um processo de construção de sujeitos, bem como uma efetiva produção de sentidos que leve em consideração o encontro das manifestações ideológicas com a linguagem. O trabalho parte de uma pesquisa bibliográfica e aponta caminhos para o uso dos gêneros literários nas aulas de Língua Portuguesa.

PALAVRAS-CHAVE: Gêneros literários. Língua Portuguesa. Ensino. Formação Sujeito

3. Título: OS GÊNEROS DISCURSIVOS QUE CIRCULAM NAS REDES SOCIAIS E SUA RELAÇÃO COM O SUJEITO PÓS-MODERNO

Autores: Gilmar de Assis Euzébio e Vanda Aparecida Favero Pino

RESUMO: Este trabalho tem como tema gênero e discurso na Pós-modernidade. Buscar-se-á refletir sobre a importância de compreender os gêneros discursivos emergentes compartilhados nas redes sociais para entender a ligação desses com os discursos proferidos no presente pelo sujeito pós-moderno. O objetivo deste trabalho então configura-se em verificar quais os gêneros discursivos mais compartilhados nas redes sociais atualmente e como esses carregam e suscitam discursos ideológicos que são defendidos ou refutados pelos usuários da rede. Isso se justifica pelo fato de que os gêneros discursivos veiculados nas redes sociais carecem de investigação, pois suas características se modificam rápida e freneticamente enquanto sua função social também muda, dependendo do objetivo a que se queira chegar. Apresentam uma leitura rápida, facilidade de interação entre usuários, pouco conteúdo linguístico e discursos veiculados como verdade. O corpus de análise serão postagens publicadas na rede social Facebook e também os comentários que foram desencadeados, que serão tratados neste artigo como gênero textual, a partir dos estudos de Mikhail Bakhtin (2011). Em relação a este

teórico, este artigo ainda ancora-se nos conceitos de polifonia, dialogismo e interação verbal. Também buscar-se-á apoio no conceito de pós-modernidade líquida de Zygmunt Bauman (2001; 2005). Esses serão os embasamentos teóricos deste estudo, tratados a partir da metodologia qualitativo-descritiva. Por fim, foi possível observar que o trabalho demonstrou o quão importante é o fato de considerar os novos suportes tecnológicos e os gêneros discursivos que por estes circulam, os discursos ideológicos propagados e sua relação com o sujeito pós-moderno.

4. Título: A MULTIMODALIDADE CONSTITUTIVA DO GÊNERO ORAL VÍDEO-AULA

Autora: Andréia Inês Hanel Cerezoli

RESUMO: RESUMO

Com o avanço da Educação a Distância (EAD), as vídeo-aulas estão cada vez mais “populares” nas práticas de linguagem. Assim, nosso objetivo é avaliar a questão da multimodalidade presente nesse gênero textual, identificando, principalmente, seus meios-não linguísticos e, também, refletir sobre a construção dos sentidos oriundos de tais fatores. A pertinência científica do trabalho reside no fato de que com o avanço das discussões do ensino de línguas/linguagem baseado nos gêneros textuais, incluindo-se os orais/multimodais, é preciso saber como tais recursos multimodais podem ser explorados, tanto no ensino quanto na aprendizagem e na avaliação de tais gêneros. Desse modo, o trabalho traz, inicialmente, recortes teóricos sobre letramento, multiletramento, multimodalidade e gêneros textuais, que encaminham para as análises. Tais conceitos são considerados a partir dos postulados teóricos de Marcuschi, Rojo, Schneuwly e Dolz e Maingueneau. Em seguida, busca-se compreender as “características” dos gêneros textuais orais e apresentar postulados teóricos que permitem compreender a vídeo-aula como um gênero textual, visto que o termo ainda não se encontra definido em dicionários e literatura técnica. Na sequência, realiza-se a análise dos aspectos multimodais em uma vídeo-aula. Inicia-se a análise dos fatores multimodais pelos critérios que Schneuwly e Dolz (2004, p. 143) definiram como: disposição dos lugares, aspecto exterior, posição dos locutores, meios cinésicos e meios

paralinguísticos. Encerra-se esta comunicação oral, apontando-se suas contribuições para o ensino e os possíveis avanços que poderão decorrer de futuras pesquisas sobre essa temática.

PALAVRAS-CHAVE: Gêneros textuais. Textos orais. Multimodalidade.

5. Título: A RELAÇÃO ENTRE PROJETOS DE DIZER E O PLANEJAMENTO DA ESCRITA DE TEXTOS

Autora: Cleuza Pelá

RESUMO: A elaboração de textos, quer orais, quer escritos, quer multimodais, implica dialogia, pois aquele que os organiza projeta uma situação de comunicação, delimitada por um contexto de produção, na qual um outro (o destinatário) é previsto/representado, conforme seu *status* social, histórico-cultural, imbricado por diversos valores e sistemas de conhecimentos. Nesse sentido, é necessário (re)conhecer e dominar os elementos que perpassam a elaboração de um texto, o seu contexto de produção e as estratégias de planejamento que devem alicerçar as práticas de escrita. Essa ação poderá proporcionar aos aprendentes ferramentas linguístico-textuais e genéricas para que atuem pessoal, social e profissionalmente de modo adequado e exitoso em momentos de escrita pessoal e/ou pública. Sendo assim, esta comunicação oral, cujo tema é a relação entre projetos de dizer (nas modalidades reprodução, decalque e autoria) e o ensino do planejamento da escrita de textos em língua materna, tem por objetivo socializar uma reflexão sobre essa relação no ensino básico. Para tanto, respaldamo-nos em teorias-metodologias acerca de a) gêneros textuais/discursivos e produção de texto (Marcuschi, [2007; 2008]; Schneuwly & Dolz [2004]; Koch & Elias [2006]), b) práticas de escrita (PCNs de LP; BNC [2015]; Rojo & Moura [2012]); interação, gêneros e (multi)letramento(s) (Gonçalves & Bazarim [2013]) entre outras. Como procedimento para esta reflexão, optamos por focar basicamente as etapas do desenvolvimento de estratégias de planejamento de textos em situação de produção textual escrita e o quanto essas podem ser relevantes para um êxito mais acertado da produção e, conseqüentemente, o alcance de seus propósitos comunicativos.

Afora isso, essas ainda podem possibilitar (re)criação, (re)atualização e (re)consolidação das categorias genéricas de diversos textos; categorias essas que têm por função ser um fio condutor para o produtor de textos e também para seu destinatário na organização textual e na (re)construção dos sentidos de textos. Em síntese, esperamos que esta reflexão provoque

os professores das Letras/Linguagens para uma prática docente reflexiva voltada para o planejamento da escrita de textos com fins exitosos.

PALAVRAS-CHAVE: Planificação. Projeção. Escrita de textos.

GT 6 - Discurso e Historicidade

Local: Sala 210 – Bloco B

1. Título: LÍNGUA E DIREITO – UMA RELAÇÃO DE NUNCA ACABAR: (DES)CONSTRUÇÕES DO IMAGINÁRIO LINGUÍSTICO

Autora: ROSSALY BEATRIZ CHIOQUETTA LORENSET

RESUMO: A comunicação que propomos para este simpósio é um recorte discursivo que integra pesquisa de mestrado e busca compreender as (des)construções do imaginário de ensino de Língua Portuguesa no Ensino Superior em graduação de Direito, olhando para as vertentes de ensino e os saberes linguísticos mobilizados, à luz da Análise de Discurso da escola francesa de Michel Pêcheux (2009) e, no Brasil, de Eni Orlandi (2008), em diálogo com a História das Ideias Linguísticas. A partir de arquivo documental-institucional do Curso de Direito da Universidade do Oeste de Santa Catarina – Unoesc Xanxerê, analisam-se, em movimento pendular (PETRI, 2013), os ementários dos componentes curriculares de Língua Portuguesa e nomenclaturas congêneres de Português Aplicado ao Direito e Produção de Textos. A materialidade linguística que emergiu do corpus trouxe indícios de que há ecos e ressonâncias do imaginário de língua da historicidade do ensino de língua e da constituição do Ensino Superior no Brasil, de mais de dois séculos. Na escrit(ur)a desta dissertação, percebemos visibilidade também nos pilares que ecoam no ensino de língua, quais sejam, gramática, retórica e poética. Observamos que os exames admissionais para cursos eram efetuados em latim e isso ecoa na contemporaneidade, traço sublinhado no ementário com conteúdo de Locuções latinas. Em relação aos ementários dos componentes

curriculares de ensino de língua, por meio do funcionamento discursivo presentificado na materialidade linguística, observou-se que não são autoexcludentes e que há (con)fluência de vertentes de ensino e saberes de língua e inscrevem-se na categoria de análise de (pro)usão de saberes e de (con)usão entre saberes (SURDI DA LUZ, 2010), que aponta para o imaginário de ensino de língua portuguesa. São efeitos de verdade e de evidência que se linearizam no funcionamento do discurso como saturados, como memórias não lacunares. Consideramos relevante que professores de Língua Portuguesa conheçam as práticas pedagógicas norteadas pela legislação, em distintos momentos históricos, bem como a ideologia que as sustentam, de forma a contribuir acerca das reflexões em torno do discurso sobre (MARIANI, 1998; ORLANDI, 2008; VENTURINI, 2009) o ensino de Língua Portuguesa na Educação Superior e seus modos de disciplinarização.

PALAVRAS-CHAVE: Análise de Discurso. Imaginário de língua. Ensino de Língua Portuguesa em Graduação de Direito.

2. Título: A PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO LINGUÍSTICO NOS ANOS 60 E A CRIAÇÃO DE UM CURSO DE LETRAS

Autor: Maurício Bilião

RESUMO: A comunicação objetivará expor algumas reflexões a partir de uma pesquisa inicial sobre a área de conhecimento Linguística e o seu processo de constituição como um campo disciplinar no Rio Grande do Sul, na década de 1960; época em que se criou o curso

de Letras na Universidade Federal de Santa Maria. Nosso estudo está inscrito no projeto “Linguística no Sul: estudos das ideias e organização da memória”, coordenado pela Professora Dr. Amanda Eloina Scherer, que tem como objetivo investigar a disciplinarização e a institucionalização da Linguística no sul do Brasil. A partir da perspectiva da História das Ideias Linguísticas e da Análise de Discurso de linha pecheuxiana, para compor o corpus da pesquisa, selecionamos alguns documentos como um certificado de participação no I Seminário Santa-Mariense de Orientação Linguística, realizado em 1969 e promovido pela UFSM, e os programas da disciplina de Linguística do curso de Letras da UFSM desta década. Este curso de Letras foi criado em 1965, período em que a Linguística havia sido recentemente implementada como disciplina nos cursos de Letras a partir de um decreto que entrou em vigor no ano de 1962 (GUIMARÃES, 2004). A importância de analisar alguns documentos institucionais na sua relação com os programas da referida disciplina reside na compreensão da constituição da Linguística na década de 60. Conforme Scherer (2005), a análise do funcionamento dos ementários (inclusive programas de disciplinas), os quais possuem suas especificidades à medida que carregam dizeres selecionados, permite entender o dizer da disciplina em questão e, conseqüentemente, o lugar da Linguística pela forma como o saber ‘ali’ circula. Ainda, a partir da análise do corpus selecionado, objetivamos compreender que teorias linguísticas eram abordadas e que status de disciplina era atribuído para a Linguística. Para isso, partimos do pressuposto de que a história se inscreve no discurso, produzindo sentidos, os quais se relacionam com a exterioridade, as condições de produção em que são produzidos (ORLANDI, 2008). Portanto, neste trabalho, visamos à compreensão do conhecimento linguístico que se tinha nos anos 60 e apoiamos no aforismo proposto por Aurox (1992), “sem memória e sem projeto, simplesmente não há saber”.

PALAVRAS-CHAVE: Linguística. História das Ideias. Produção do conhecimento linguístico. Década de 60.

3. Título: DISCURSO SOBRE LÍNGUA: O DESENVOLVIMENTO COMO EIXO DO

DEBATE SOBRE DIVERSIDADE LINGUÍSTICA. UM OLHAR NA DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS LINGUÍSTICOS (UNESCO)

Autor(a): Damaris Heidi Cristobal Suvderlan

RESUMO: Falar de diversidade linguística supõe ingressar a um âmbito onde confluem o jurídico, o social, o político e, em definitiva, o que Aurox (1992) denomina como “ciências da linguagem”. Em consequência, quando este contato se traslada às relações sociais, segundo Orlandi (2002), o debate sobre a língua é afetado pela relação do sujeito com o Estado. Em outras palavras, se ingressa ao campo do político. Nesse sentido, os estudos em políticas linguísticas, não compreendem unicamente às políticas públicas, mas também os processos mais complexos presentes no uso de uma língua e no debate sobre ela: dizer-nas e dizer sobre as línguas (Orlandi, 2002). Nessa linha, o presente artigo tem como objetivo compreender como o desenvolvimento linguístico é designado, dito e (re) significado na “Declaração universal dos direitos linguísticos”, texto jurídico que oficializa um debate e um longo processo de reflexões acerca da diversidade linguística no marco das políticas de línguas. Para isso, o trabalho considera a Declaração como um acontecimento enunciativo, enquadrado na Semântica do Acontecimento e a proposta da História das Ideias Linguísticas. Assim, a análise se centra no texto assumido como acontecimento enunciativo que, por se dar nos espaços de enunciação, é por essência um acontecimento político (Guimarães, 2005), um lugar onde se produz a relação entre línguas, falantes e disputas de poder. Justamente, este trabalho procura entender como se mobiliza a designação “desenvolvimento de língua” e/ou “desenvolvimento linguístico” no texto eleito. Para isto, realizou-se um percurso no contexto da criação da Declaração e as finalidades principais que a regem. Logo, para compreender os sentidos da palavra desenvolvimento, se realizaram recortes, a maneira de ilustração, de aqueles fragmentos onde esta aparece. A revisão mostra que os sentidos da palavra estudada se associam com a ideia de espaço de comunicação que, justamente, se apresenta como mediador nesse contexto de conflito que, segundo Guimarães (2005), constitui a linguagem.

PALAVRAS-CHAVE: Desenvolvimento linguístico. Políticas de línguas. História das ideias linguísticas. Semântica do acontecimento.

4. Título: AUTOVIZUALIZAÇÃO DE LUTAS: O DOCUMENTÁRIO COMO POSSIBILIDADE DE SIGNIFICAR DO SUJEITO SEGREGADO
Autor(a): Denise Machado Pinto

RESUMO: Partindo da pesquisa desenvolvida em nossa dissertação de mestrado ainda em andamento, pautamos-nos em duas problemáticas nesta comunicação: a construção de um corpus discursivo que toma como base uma produção fílmica – em nosso caso, o documentário independente Malucos de estrada II: cultura de BR, produzido pelo coletivo A margem da beleza, à beleza da margem – e a maneira como os sentidos do urbano, marcados pela desigualdade e pela segregação social, se impõem nos discursos de resistência na e da cidade. Para tanto, compreendemos o documentário em questão como uma materialidade significativa (LAGAZZI, 2004), o que implica também ser um gesto de interpretação, com efeitos de montagem que, no seu processo de elaboração e circulação, incluem um produtor, personagens/sujeitos filmados e espectadores, todos marcados por posições-sujeito (PÊCHEUX, 1975). Esta materialidade é observada a partir da contradição e dos efeitos de completude postos entre o imagético e o verbal na apresentação de um universo de possibilidades (de sentidos) que se inscrevem nas filmagens sobre artesãos de rua autodesignados malucos de estrada em diversos lugares públicos do Brasil. Nosso corpus é formado por cinco recortes a partir dos quais propomos um gesto analítico sob as marcas significantes (LAGAZZI, 2009) do espaço público e dos sentidos propostos para resistência com objetivo de compreender os processos de interpelação ideológica (PÊCHEUX, 1975) presentes na “evidência” de ser maluco de estrada. Cabe afirmar que, a partir de nossa ancoragem teórico-analítica em Análise de Discurso franco-brasileira, concebemos o simbólico na relação com a historicidade e com o político, fazendo do documentário uma autovizualização de lutas e, portanto, um instrumento de poder de sujeitos segregados em nossa sociedade atual.

PALAVRAS-CHAVE: Documentário. Maluco de BR. Posição-sujeito. Ideologia.

5. Título: RESSONÂNCIAS DA DISCIPLINARIZAÇÃO DA LINGÜÍSTICA NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA NA ESCOLA
Autores: Luisele Munekata de Castro e Thaynara Luiza de Vargas

RESUMO: O trabalho “Ressonâncias da Disciplinarização da Linguística no Ensino de Língua Portuguesa na Escola” está inserido no projeto de pesquisa intitulado “História do Conhecimento Linguístico: institucionalização/disciplinarização”, desenvolvido no Laboratório Corpus - Laboratório de Fontes de Estudos da Linguagem e adota como perspectiva teórica a História das Ideias Linguísticas (HIL) em relação com a Análise de Discurso (AD). Sobre o que seria fazer HIL, Guimarães (2002, p.13), afirma “trata-se para mim, de poder acompanhar como certos conceitos, certas noções, certas categorias se constituíram e como ao permanecerem mudaram, ou ganharam contornos específicos. Ou seja, em que momento encontramos acontecimentos pelos quais um conceito se constitui, permanece ou se torna outro”. Esta pesquisa tem por objetivo principal a compreensão da constituição do processo de disciplinarização da linguística e das possíveis ressonâncias deste processo no ensino de Língua Portuguesa na escola. Para tanto, selecionamos para análise programas e ementas do curso de Letras da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), observando um recorte temporal que abrange as duas primeiras décadas nas quais a linguística é inserida como disciplina obrigatória nos Cursos de Letras, a saber, décadas 60/70. E, também buscamos programas e ementas da disciplina de Língua Portuguesa de uma escola pública de Santa Maria referente à década de 70/80. Outro ponto a ser destacado em nosso trabalho é o entendimento de “como um saber científico e um certo conteúdo que se repete e que se singulariza sob forma de um saber acadêmico pode se transformar em um conteúdo disciplinar” (Scherer, Martins, Schneiders, 2015). Buscamos compreender, conforme as autoras pontuam como “o conhecimento, ao se instar na transmissão, se coloca como um saber acadêmico pedagogizado no intuito de tornar “mais

racional" e didático um saber que está em outro lugar e outro espaço temporal".

PALAVRAS-CHAVE: Disciplinarização. Linguística. Escola.

6. Título: **COMPREENSÕES ACERCA DA INTRODUÇÃO DO PENSAMENTO BAKHTINIANO NO BRASIL**

Autores: Rosana Schmechel e Ana Beatriz Ferreira Dias

RESUMO: Mesmo que ocupe um lugar normalmente contra-hegemônico no contexto acadêmico, os estudos bakhtinianos vêm sendo amplamente desenvolvidos e difundidos em várias áreas do saber, sobretudo, no campo das Ciências Humanas. Mikhail Bakhtin e demais integrantes do Círculo, apesar do momento histórico em que viveram, enfrentaram a opressão governamental e se reuniram para as chamadas "rodas de conversa". Desses encontros, surgiram diversas obras que hoje são mundialmente conhecidas. Contudo, não existem muitos dados concretos de como se deu a introdução do pensamento bakhtiniano no Brasil, além disso, esses dados são na maioria dispersos. Tendo isso em vista, buscamos desenvolver, neste trabalho, uma compreensão acerca das primeiras manifestações do pensamento bakhtiniano no Brasil. A presente

pesquisa foi de base bibliográfica, de modo que as informações foram surgindo paulatinamente, ao longo do trabalho, pois poucos são estudos publicados que possuem dados sobre como ocorreu esta introdução. As leituras no levaram a diversas descobertas. Uma delas foi o protagonismo que Boris Schnaiderman assumiu na introdução dos estudos bakhtinianos no Brasil, quando ainda fortemente predominava os estudos estruturalistas. Tradutor, pesquisador e professor, Schnaiderman teve conhecimento dos estudos de Bakhtin por meio da leitura de Problemas da poética de Dostoiévski, uma tradução italiana de 1968. O professor afirma que ficou fascinado pela obra e que passou a utilizá-la nas aulas de pós-graduação que ministrava. A partir de 1971, passa a discutir as ideias bakhtinianas na imprensa. Neste processo de introdução e difusão dos estudos do Círculo de Bakhtin, muitos sujeitos foram fundamentais. Cada sujeito, em seu determinado momento, foi importante para que hoje tenhamos contato com esta teoria que tanto tem a contribuir. Dentre eles, Boris Schnaiderman.

PALAVRAS – CHAVE: Introdução. Estudos bakhtinianos. Difusão teórica.

GT 8 - Os processos de Ensino e Compreensão em Leitura: Uma Perspectiva Psicolinguística

Local: Sala 202 – Bloco A

1. Título: **RELAÇÕES LEITURA E ESCRITA EM PERSPECTIVA PSICOLINGUÍSTICA**

Autoras: Vera Wannmacher Pereira e Thais Vargas dos Santos

RESUMO: Com ou sem respaldo de pesquisas, dificuldades de escrita de estudantes são frequentemente associadas a dificuldades de leitura assim como são recorrentes afirmações sobre a importância da leitura para a escrita. Nesse caminho, professores de escolas propõem a seus alunos atividades de leitura e escrita enlaçadas por meio de um tema comum e diferenciadas por meio do gênero textual, disso decorrendo a preponderância, no ensino da leitura e da escrita, dos aspectos temáticos

sobre os linguísticos. Como apoio, buscam informações e orientações em estudos sobre gêneros textuais, que trazem contribuições sobre a função social do texto, a sua situação de uso e as marcas decorrentes da função e da situação, como evidenciam os estudos de Bazerman (2009) e Adam (2008). Os estudos psicolinguísticos, por sua vez, disponibilizam informações sobre a compreensão leitora e o seu processamento cognitivo (GOODMAN, 1991), sobre a consciência referente a esses procedimentos (DEHAENE, 2009) e sobre as variáveis que influenciam esses processos e seus resultados – os conhecimentos prévios temáticos e linguísticos do leitor, o objetivo da leitura e as características do material de

leitura. Essas informações posicionam psicolinguisticamente a leitura como paradigma para a escrita (SMITH, 2003), do que decorre o entendimento de que o reconhecimento das marcas do texto na leitura favorece o uso das mesmas na escrita e de que a ativação dos conhecimentos prévios contribui para as duas situações, pois vinculadas. Nesta comunicação, o propósito é disponibilizar, em decorrência de estudos e pesquisas desenvolvidos, proposta de ensino de Língua Portuguesa como língua materna nessa perspectiva psicolinguística, que assume o gênero textual e as variáveis da situação de uso como ponto de amarração na relação leitura e escrita.

PALAVRAS-CHAVE: leitura; escrita; perspectiva psicolinguística; ensino; pesquisa.

2. Título: DICIONÁRIOS ESCOLARES: UMA CONTRIBUIÇÃO PARA A CONSTRUÇÃO DO LÉXICO

Autora: Cintia Marangoni Menezes

RESUMO: A importância da realização de pesquisas em relação aos dicionários e seu uso em sala de aula são questões que devem ser discutidas e aplicadas nas práticas de ensino, realizadas nas escolas de todo país. O Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) foi criado em 1985, pelo Ministério da Educação do Brasil e tem por objetivo a escolha, aquisição e distribuição gratuita de livros didáticos para escolas públicas do Ensino Fundamental. No Brasil, desde 2001, o Programa Nacional do Livro Didático passou a contemplar a lexicografia, selecionando e adquirindo dicionários para os alunos dessa etapa de ensino. O Programa preocupa-se com a necessidade de utilizar o dicionário como instrumento de aperfeiçoamento do ensino e aprendizagem da língua, com enfoque na aquisição e desenvolvimento do léxico para uma melhor compreensão em leitura. Os dicionários possuem grande potencial pedagógico porque contribuem na leitura, escrita e expressão dos alunos, proporcionando informações sobre o léxico, seus usos e sentidos. Sendo assim, contribuem para a alfabetização e para o desenvolvimento da leitura. Nesse sentido, faz-se necessário alcançar o objetivo desta pesquisa que pretende propor a elaboração de estratégias (didáticas) das habilidades de uso do dicionário

para a ampliação do léxico, visando à compreensão leitora. Para isso, serão utilizados os dicionários do Tipo 3, que foram selecionados e distribuídos pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) – Dicionários, como suporte e apoio para a elaboração das atividades. Esses dicionários são destinados do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental e possuem uma proposta lexicográfica adequada a alunos dos últimos anos do ensino fundamental.

PALAVRAS-CHAVE: Léxico. Dicionários escolares. Estratégias didáticas.

3. Título: COMPREENSÃO EM LEITURA E METACOGNIÇÃO: AUTOAVALIAÇÃO E AUTOCONFIANÇA DE UNIVERSITÁRIOS INGRESSANTES

Autora: Jakeline Mendes

RESUMO: O ensino superior é um momento muito importante na formação do indivíduo, voltado para a aquisição de novos conhecimentos, que o formarão como acadêmico, profissional, cidadão e como pessoa. A leitura é a tarefa pela qual a maior parte destes conhecimentos será adquirida pelos estudantes. Ao iniciar sua vida acadêmica, o estudante depara com um aumento significativo nas tarefas de leitura com o objetivo de adquirir conhecimento em relação a etapas anteriores. Busca-se revisar os resultados pesquisa de Finger-Kratochvil (2010), em seu estudo com alunos ingressantes no ensino superior, e analisar dados autoavaliação em leitura com foco na metacognição. Fatores como a autoconfiança dos indivíduos e a forma como se autoavaliam como leitores são relevantes na análise ora proposta.

PALAVRAS-CHAVE: Metacognição. Compreensão em leitura. Autoavaliação. Autoconfiança.

4. Título: ESTUDO DA COMPREENSÃO LEITORA NA FORMAÇÃO INICIAL DO PROFESSOR: ANÁLISE DE RESUMOS PRODUZIDOS POR GRADUANDOS PRODUZIDOS NO PROJETO OBEDUC “LER & EDUCAR”

Autor(es): Claudia Finger-Kratochvil e Claudimir

Ribeiro

RESUMO: Muitas das pesquisas realizadas nas últimas duas décadas partilham da perspectiva de que os objetivos do ensino de leitura devem contemplar o desenvolvimento de habilidades como o construir inferências, o estabelecer relações entre informações, o elaborar sínteses, o formular perguntas e o identificar e compreender as ideias principais, por exemplo, para que se construa, de forma gradativa, a autonomia do leitor, por meio do crescimento e ampliação de sua compreensão leitora. Contudo, no que diz respeito à realidade brasileira, o desempenho dos estudantes em avaliações destinadas a mensurar o desenvolvimento da compreensão leitora, como o SAEB/Prova Brasil, o INAF e o PISA, têm mostrado resultados aquém do mínimo esperado, o que parece sugerir que essas habilidades não têm recebido a devida consideração no processo de ensino-aprendizagem da leitura. Considerando essa realidade, a presente pesquisa busca inferir o nível de compreensão leitora, na formação inicial do professor, por meio do estudo de resumos produzidos por graduandos de dois cursos de licenciatura, participantes de projeto de formação continuada de professores -OBEDUC "Ler & Educar" -, visando a contribuir com esse processo de formação, observando e avaliando as habilidades leitoras que eles demonstram possuir e as que precisam ser desenvolvidas. O suporte teórico para a análise é o modelo de compreensão denominado, *construction-integration* (CI) *model* (KINTSCH,1998; KINTSCH; VAN DIJK,1978) que fornece uma explicação ampla de como o conhecimento é usado na compreensão e dos processos mentais implicados no processamento da leitura, além de contemplar em suas formulações as atividades de sumarização como forma de avaliar a capacidade de compreensão leitora. A partir dos pressupostos do modelo, acessamos a macroestrutura dos textos-fonte, alvo dos resumos, determinamos as ideias principais e as comparamos com as resgatadas nos resumos dos graduandos. No intuito de explicarmos a performance dos participantes e sugerir as habilidades leitoras relacionamos seu desempenho com fatores como o conhecimento prévio sobre a temática dos textos resumidos, o uso das macrorregras e o nível de proficiência individual de cada participante. Os resultados

preliminares apontam para a fragilidade nos três aspectos analisados que necessitam ser vistos na continuidade da análise para sua confirmação e esclarecimento da construção de habilidades ainda frágeis na construção da competência de leitor proficiente, estratégico e crítico.

PALAVRAS-CHAVE: Compreensão leitora. Modelo de compreensão. Resumo.

5. Título: A CONCEPÇÃO DE LEITURA E O SEU ENSINO: UMA ANÁLISE DOS GRUPOS FOCAIS COM PROFESSORES DO PROJETO "LER & EDUCAR - OBEDUC"

Autor(es): Karina Malvezzi Geron

RESUMO: Os dados de indicadores nacionais e internacionais, a respeito da compreensão em leitura, têm apontado para as debilidades que nossos estudantes têm no processo de ler e compreender um texto. As lacunas encontradas no processo de formação do leitor faz dirigirmos nosso olhar para a formação, tanto inicial quanto continuada, dos professores no intuito de entender como (e se) eles têm sido preparados para a tarefa de formar leitores proficientes. Esta pesquisa constituiu-se a partir de Grupos Focais com professores de seis escolas públicas de Chapecó, dentro do projeto de formação continuada dos professores das escolas da rede pública de Santa Catarina, Ler & Educar (OBEDUC); e tem por objetivo diagnosticar, por meio das respostas e interações entre professores, qual é a concepção de leitura que permeia seus trabalhos e como eles compreendem a prática do ensino da leitura na escola. O referencial teórico deste trabalho está pautado nas concepções de leitura da Psicolinguística e como essa ciência compreende o ensino e o trabalho com a leitura para a formação de bons leitores. Os dados, por ora analisados, apontam para professores com uma concepção de leitura pautada na decodificação, assim, a função do professor fica restrita à motivação, pois o ensino da leitura se limita à alfabetização. Tais resultados apontam para a formação inicial e continuada desconhecadora das descobertas e dos estudos das ciências do campo da linguagem e da cognição para o processo de formação do leitor.

PALAVRAS-CHAVE: Concepção de leitura.

GT 9 - Diversidade e Mudança Linguística

Local: Sala 206 – Bloco B

1. Título: A CONSCIENTIZAÇÃO LINGUÍSTICA COMO BASE PARA UMA POLÍTICA DE MANUTENÇÃO DO TALIAN EM CHAPECÓ, SC

Autoras: Angélica Bernardi e Cristiane Horst

RESUMO: Compreendemos o Brasil como um país plurilíngue em que, o contato linguístico faz parte da história. Desde a chegada dos europeus, culturas e línguas diversas entraram em contato. Nosso enfoque, porém está no contato das línguas de imigração italiana que chegaram com os imigrantes ao sul do país a partir do final do século XIX, mais precisamente, na variedade Talian, formada pelo contato entre o vênето, com a maioria de falantes, outras variedades italianas, em menor quantidade e o português do sul brasileiro, conforme Margotti (2004). Essa variedade, brevemente apresentada, constituiu as comunidades que se formaram no Rio Grande do Sul, em Santa Catarina e no Paraná, para muitas pessoas, o Talian era a língua materna, em muitas localidades era a principal língua usada e muitos falantes nunca aprenderam o português. Devido a sua importância, o uso dessa variedade permanece presente em muitas comunidades como aponta uma pesquisa recente de Bortolotto (2015), demonstrando que em nossa comunidade de pesquisa, Chapecó – SC, o Talian ainda é falado, como língua da família, no contexto doméstico, mas que a tendência é a substituição pelo português. A partir dessa constatação, surgiu nosso questionamento se algo poderia ou deveria ser feito em favor do Talian. Diante disso, elaboramos nosso trabalho em que, pretendemos promover uma reflexão acerca da conscientização linguística a favor de uma política de manutenção da variedade Talian no município de Chapecó – SC. Iniciaremos essa pesquisa descrevendo e analisando dados extralinguísticos coletados pelo projeto Atlas das Línguas em Contato na

Fronteira: Oeste Catarinense (ALCF-OE), sob coordenação da Professora Doutora Cristiane Horst. O corpus do nosso trabalho é composto por 20 perguntas feitas a descendentes de italianos que residem em Chapecó, com conteúdos extralinguísticos, em que poderemos identificar o que pensam e qual o sentimento dos falantes em relação à língua da família. Em seguida, a partir da análise desses dados, identificaremos a relevância da manutenção do Talian e, ao final, iremos propor estratégias de conscientização linguística em prol de uma política de manutenção. A partir de algumas considerações parciais podemos perceber que grande parte dos indivíduos afirmam ou demonstram, mesmo que de forma indireta, uma relação próxima com o Talian, sinalizando a relevância da manutenção da variedade estudada. Contudo, nossa pesquisa ainda está em andamento e, por isso, maiores afirmações não podem ser feitas.

PALAVRAS-CHAVE: Política linguística. Conscientização linguística. Manutenção linguística. Contato linguístico. Português-talian.

2. Título: ATLAS DAS LÍNGUAS EM CONTATO NA FRONTEIRA: OESTE CATARINENSE - CARTOGRAFIA

Autores(as): Bruna Serpa e Ana Elizabeth Fornara

RESUMO: A presente pesquisa situa-se como parte do projeto Atlas das Línguas em Contato na Fronteira e do Atlas Linguístico-Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata (ALMA) e insere-se no âmbito dos estudos de macro-análise da variação linguística em situações de contato multilíngue, assim como a relação e as influências destas situações com fatores extralinguísticos diversos. Atualmente, no Brasil e em toda a América Latina, existem muitos levantamentos de dados e estudos realizados

para a constituição de atlas linguísticos, porém poucos possuem um Atlas publicado em função das dificuldades encontradas durante o seu processo de criação. Pensando nessas dificuldades apontadas, tem-se como objetivo central desse projeto a criação de novos mecanismos de cartografia linguística, utilizando o Excel e outros softwares livres e ampliando a planilha já existente, buscando facilitar o trabalho dos linguistas na área. O desenvolvimento de um programa que dê sustentabilidade à uma base de dado digital e dê suporte a uma necessidade da geolinguística em reduzir o tempo gasto com as análises e mapeamento dos dados lingüísticos seria de grande relevância para a área. Assim, busca-se uma ferramenta digital de criação de mapas lingüísticos e extralingüísticos, sob a metodologia da pluridimensionalidade, que seja de fácil domínio tanto para gerenciar dados, quanto para elaborar mapas, proporcionando aos próprios pesquisadores maiores condições de elaboração de mapas de pesquisa. Outro ponto que deverá ser trabalhado é a elaboração do Atlas das Línguas em Contato na Fronteira: Oeste Catarinense. Um estudo detalhado da região Oeste Catarinense é uma das bases dessa pesquisa, pois a partir dos dados levantados serão definidos os municípios que comporão os pontos para a coleta de dados lingüísticos, demarcando 34 pontos e utilizando as bases de dados fonéticos, sonoros e estatísticos dentro de uma planilha, seguido pela publicação desse Atlas em um blog ou site.

PALAVRAS-CHAVE: Geolinguística. Cartografia. Banco de dados. Pluridimensionalidade.

3. Título: MANUTENÇÃO DA VARIEDADE ALEMÃ HUNSRÜCKISCH EM SÃO CARLOS - SC

Autora: Carla Lasch Mahl

RESUMO: Dentre as possibilidades de estudo das línguas em contato no Brasil, este trabalho tem como foco principal a variedade da língua alemã, Hunsrückisch (ou husqueriano), falada por teuto-brasileiros no extremo oeste de Santa Catarina. O objetivo inicial desta pesquisa é descrever dados lingüísticos de uma comunidade de contato português-Hunsrückisch (São Carlos - Santa Catarina) e analisar a manutenção e substituição linguística

da variedade alemã, considerando os termos de parentesco espirituais nos informantes. Toma-se como base os estudos de Altenhofen (2002, 2004, 2007), Horst e Krug (2012), sobre língua materna e línguas em contato, Horst (2011), Pertile (2009), nos fatores para manutenção e substituição linguística, Krug (2011), Altenhofen, Raso e Mello (2011) no que tange aos contatos linguísticos e diversidade no Brasil, Margotti (2004), variação do português em contato, Jungblut (2011) nos estudos sobre a germanidade e imigração alemã, além de Thun (1996, 1998, 2005, 2009 e 2012) nos pressupostos da dialetologia pluridimensional e relacional. Levaremos em conta questões referentes ao grau de bilinguismo dos informantes da comunidade, o reconhecimento da identidade e alguns dados do questionário lexical referente aos termos de parentesco (do tipo espiritual). Os dados que iremos analisar são proveniente do projeto Atlas linguístico contatual das minorias alemãs na Bacia do Prata – ALMA, desenvolvido pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), pela Christian-Albrechts-Universität zu Kiel (CAU-Kiel), da Alemanha e pela Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), com base na Dialetologia Pluridimensional e Relacional, considerando as dimensões: diastrática (classe social/escolarização – Ca – com graduação ou mais) e Cb – de nenhuma escolaridade até o Ensino Médio); diasssexual (gênero/sexo); diageracional (idade – GII- 55 anos ou mais e GI – de 18 a 36 anos de idade).

PALAVRAS-CHAVE: Bilinguismo português-Hunsrückisch. Contato lingüístico – São Carlos, Manutenção e substituição lingüística. Dialetologia pluridimensional. Termos de parentesco do tipo espiritual.

4. Título: BILINGUISMO: REVISANDO CONCEITOS

Autora: Celina Eliane Frizzo

RESUMO: Quando estudamos melhor a questão dos contatos linguísticos entre comunidades, percebemos a existência de um fenômeno decorrente das relações de contato, o bilinguismo. Embora, pareça que discutir acerca deste assunto no Brasil, que de auto define monolíngue, seja irrelevante, nosso país apresenta um número grande de comunidades que se comunicam em duas línguas e se faz

importante saber mais sobre esse assunto. Através de pesquisa bibliográfica, procuramos neste trabalho, apresentar o que de fato é o bilinguismo. Buscamos ainda, trazer para o trabalho as causas que levam ao bilinguismo, a noção de Code Mixing e Code Switching e procuramos diferenciar a diglossia de bilinguismo, uma vez que esses fenômenos englobam o uso de duas variantes usadas pela mesma comunidade. Existem, atualmente no Brasil, pouca biografia disponível, bem como poucos trabalhos que explorem de forma competente esse assunto. O Bilinguismo é um assunto complexo, exigindo uma análise profunda, se quisermos classificar indivíduos como bilíngues ou não bilíngues. Esperamos, que por meio deste estudo, tenhamos contribuído ainda mais nos trabalhos a respeito do bilinguismo.

PALAVRAS – CHAVE: Bilinguismo. Code Mixing. Code Switching. Diglossia

5. Título: LUSISMOS NO INGLÊS EM COMUNIDADES BILÍNGUES PORTUGUÊS/ ITALIANO NO OESTE CATARINENSE: A REALIZAÇÃO DO 'R'

Autora: Daiane Sandra Savoldi Curioletti

RESUMO: A língua compreende uma organização social e tende a variar, principalmente, dependendo do contexto e dos falantes envolvidos. Dessa forma, fatores como pronúncia e léxico diferenciado têm chamado atenção de outras pessoas, levando-as, não raramente, a identificar dados relativos à identidade do falante como, por exemplo, procedência, grau de instrução, profissão, dentre outros aspectos (SILVA, 2012; TARALLO, 2007). No entanto, muitas vezes, a crença de uma suposta homogeneidade linguística, com prioridade à variedade padrão da língua, desencadeia comentários equivocados e preconceituosos que silenciam muitas falas (BORTONI-RICARDO, 2004, 2011; BAGNO, 2000, 2007). Na escola o aluno pode sofrer preconceito linguístico se não adequar sua fala à variedade padrão da língua, fato que pode comprometer seu rendimento escolar, bem como desprezar toda a sua herança étnico-cultural. Com o presente estudo objetivou-se investigar a realização do /r/ na língua inglesa, como língua estrangeira, por ítalo-brasileiros nas cidades de Concórdia e

Chapecó- SC. A hipótese era que pudesse haver uma influência do contato português/italiano na aprendizagem do inglês americano. A partir do estudo do fenômeno, por meio de entrevistas, detectou-se que os estudantes das séries finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio não transferem a pronúncia do tepe [ɹ] tampouco a vibrante múltipla [r̥], mas sim a fricativa velar desvozeada [x] na língua inglesa falada nas cidades de Chapecó e Concórdia. Dessa forma, constatou-se que a transferência do /r/ não se difere entre as cidades investigadas e que não há influência do contato português/italiano na língua inglesa falada pelos informantes. A seleção de falantes, a formulação da entrevista e a análise dos dados foram efetuadas sob a perspectiva da dialetologia pluridimensional e relacional, através dos estilos conversa livre, questionário e leitura. Foram controladas as seguintes dimensões: diatópica (diferentes espaços geográficos), diageracional (diferentes faixas etárias), diassexual (sexo masculino e feminino) e diafásica (variação no estilo da entrevista). O trabalho investigativo envolveu 16 educandos e quatro integrantes comunitários, totalizando 20 informantes. Foram envolvidas quatro escolas, sendo uma pública e outra particular em cada comunidade.

PALAVRAS-CHAVE: Bilinguismo. Ítalo-brasileiros. Pronúncia do /r/ no inglês. Dialetologia pluridimensional e relacional.

6. Título: TERRITÓRIOS E TERRITORIALIDADES DA LÍNGUA DE IMIGRAÇÃO POLONESA NO SUL DO BRASIL
Autora: Fernanda Fátima Wepik

RESUMO: Os imigrantes poloneses que chegaram ao sul do Brasil a partir de 1869 passaram pelo processo de desterritorialização, deixando para trás seu território de origem (Polônia), precisando com isso reterritorializar-se no novo território a eles destinado (Brasil), sendo o território a área físico-geográfica necessária na construção da identidade do indivíduo. Ao passarem pela territorialização, que segundo Altenhofen (2011), é a ação de ocupar territórios, eles precisaram constituir suas territorialidades, sendo esta o espaço de uso real ou potencial de uma variedade ou variante linguística. Assim, o estudo objetivou descrever quais foram os territórios e como se

constituíram as territorialidades da língua de imigração polonesa no Sul do Brasil, percebendo os processos de desterritorialização e consequente reterritorialização desses imigrantes no Sul do Brasil, verificando quais foram os territórios a eles destinados (rurais, rurbanos ou urbanos), em quais contextos esses movimentos ocorreram, além de buscar constatar as fronteiras ou limites políticos e linguísticos, para poder inferir como os imigrantes poloneses constituíram suas territorialidades nesse amplo território, em meio à diversidade e condições sociais de cada espaço. Nesse processo, os imigrantes trouxeram consigo a sua língua, sua cultura e seu conhecimento de mundo. Porém aqui, além dos habitantes autóctones, outros alóctones já estavam presentes. Os territórios que foram destinados aos poloneses eram desfavoráveis e de difícil acesso, o que fez com que eles, por um determinado tempo, mantivessem vivas as suas raízes e sua língua.

Porém, vários fatores extralinguísticos, entre eles a política de proibição das línguas minoritárias (1938), a escola, a urbanização, os meios de comunicação e a mobilidade, entre outros, propiciaram o contato entre as diversas etnias, diversas culturas e diversas línguas, tornando a assimilação do português cada vez mais necessária. Tudo isso fez com que os poloneses, em meio a esse território de ampla diversidade sociocultural, regional e linguística se organizassem no novo espaço geográfico criando uma nova identidade cultural e linguística, que se adequasse a toda a diversidade e às condições sociais impostas pelo novo território, ou seja, houve uma recombinação das diversas práticas comunicativas sociais e culturais existentes nesse amplo território que é o sul do Brasil.

PALAVRAS-CHAVE: Língua polonesa. Territórios. Territorialidades. Contato linguístico. Diversidade linguística.

QUARTA-FEIRA (11 de novembro)

15h30min às 18h – Apresentações dos GTs.

GT 1 - As Leituras da Metáfora

Local: Sala 105 – Bloco B

7. Título: METÁFORA- JOIA RARA
Autores: Eliana Canova e Valdir Prigol

RESUMO: O artigo propõe um gesto de leitura sobre o Livro “Joaquim Toco e amigos na Terra do Gã”, publicado em 2015 em parceria entre o Ministério Público Federal e a Universidade Comunitária da Região de Chapecó (Uno Chapecó), que objetivam reconhecer a importância dos povos indígenas Kaingang na constituição da região Oeste de Santa Catarina. O livro, organizado a partir de oito histórias, todas voltadas ao público infanto-juvenil, retratam e representam a vida cotidiana dos povos indígenas na Aldeia no seu dia a dia e a relação constante que o povo Kaingang mantém com cidade a partir da venda de seu artesanato, forma pela qual lhes dá a oportunidade de manter viva a cultura, a língua e a história de seu povo, e a possibilidade de

transmitir a sociedade brasileira o conhecimento sobre os indígenas Kaingang que habitam da cidade de Chapecó-SC. O gesto de leitura que propomos da obra literária a partir da metáfora “Joia Rara”, está inserida na perspectiva teórica e metodologia da Análise de Discurso de linha francesa, que compreende a metáfora como uma troca, substituição de uma palavra, uma proposição por outra, onde os sentidos construídos a partir desta metáfora vão significando e se resignificando em cada movimento, em deslocamentos e deslizamentos produzidos durante a interpretação e compreensão dos textos, sem alterar o sentido atribuído ao Povo indígena Kaingang a uma “Joia Rara”. A partir dos gestos de leitura e interpretação realizados, buscamos compreender a historicidade do termo “Joia Rara” ligado historicamente ao sentido positivo de sua enunciação. Objetivando resgatar o

valor de preciosidade atribuído as palavras Joia e Rara em outros momentos da história da humanidade, no sentido de valoração positiva. As condições de aparecimento da metáfora analisada centram-se no reconhecimento dos povos indígenas Kaigangs como um patrimônio humano valioso, que precisa ser protegido e preservado de todas as formas de discriminação e exclusão social, buscando cultivar o respeito e o sentido de solidariedade humana junto ao público leitor, a qual a obra foi destinada, livre de preconceitos em relação às diversidades sociais e culturais. Compreendendo sobre essa perspectiva, a importância e o reconhecimento dos povos indígenas Kaingangs na constituição da região oeste de Santa Catarina.

PALAVRAS-CHAVE: Metáfora; Joia Rara; Povos Indígenas Kaingangs.

8. Título: DIZER SALVAJE COMO METÁFORA DO LITERÁRIO

Autora: Roselaine de Lima Cordeiro

RESUMO: O livro de Douglas Diegues "Dá gosto andar desnudo por estas selvas – Sonetos Salvajes" é um universo no qual vários elementos são colocados em jogo. Composto por trinta sonetos com uma mesma estrutura: três estrofes de quatro versos seguidas de um dístico, modelo inglês/shakespeariano, escritos em "portunhol selvagem", sem regras sintáticas e numa imprevisibilidade de uso de palavras, a voz do eu lírico desliza sem qualquer resistência pelo português, pelo espanhol, pelo guarani e pelo inglês, numa mistura de palavras em todos estes idiomas. Transforma, dessa forma, em língua poética uma "não-língua" ou também chamada "língua de mercadoria". Nesta obra, encontramos uma efusão de associações, enumerações, alusão ao que é e está na fronteira, bem como um jeito de lidar com uma vida que se encontra em ruínas, tudo dito de uma certa forma que materializa a noção de fronteira, contexto de produção de Diegues, mas no qual não conseguimos estabelecer limites geográficos nem de outra natureza. Diante da leitura desses sonetos, pensando a literatura a partir do conceito de Daniel Link, no qual a leitura é a relação entre o leitor e o seu texto, da qual emerge uma metáfora de leitura, proponho uma possível metaforização destes poemas, a qual chamarei

de "dizer salvaje". Para além dos sonetos, penso-a como metáfora de leitura da própria poesia. Dessa forma, é a metáfora "dizer salvaje" que gostaria de pensar neste trabalho, bem como a sua historicidade, olhando para Gilles Deleuze na sua reflexão acerca da "Literatura Menor" a partir das obras de Franz Kafka e para Giorgio Agamben e o que ele chamou de "Inoperatividade da língua", além de outros teóricos que forem lembrados ao longo do percurso de leitura na elaboração deste trabalho.

PALAVRAS-CHAVE. Dizer Salvaje; Metáfora; Literatura.

9. Título: "MARIA-A-MACHA": A FIGURA FEMININA DO CONTO DE IRENE LISBOA

Autor(a): Nara Dalagnol

RESUMO: A Análise de Discurso possibilita construir um gesto de interpretação para o discurso analisado. Desse modo, o analista, ao construir sua análise, busca compreender, por meio da observação das marcas discursivas, o processo de produção de sentido do discurso. Partindo da concepção de que discurso produz efeitos de sentidos e de que a análise do discurso pensa a opacidade presente na construção discursiva, selecionamos como corpus de análise o discurso literário. Assim, neste trabalho abordaremos o conto "Maria-a-Macha", de Irene Lisboa, com o objetivo de compreender como ocorre a construção da figura feminina presente no discurso, quais os deslizamentos metafóricos podem estar presentes na narrativa e observar a construção dos efeitos de sentido. O estudo pauta-se em uma metodologia de trabalho teórica-analítica. Para tanto, apresentamos a revisão bibliográfica dos conceitos de condições de produção, de deslizamento metafórico, de memória discursiva, da Análise de Discurso – linha francesa – bem como, a partir dos postulados teóricos apresentados, propomos uma análise do conto de Irene Lisboa referido acima, com vistas a atingir os objetivos elencados para este trabalho. Após a análise concluímos que, no conto, a personagem (Maria-a-Macha) apresenta-se, inicialmente, em uma construção que tenta, em partes, distanciar-se das figuras femininas construídas nos contos de fada apresentados por Charles Perrault. Logo, Maria-a-Macha rompe com o

modelo apresentado pelos clássicos, já que sua imagem não é de uma mulher bela. Ainda, com base na análise dos deslizamentos metafóricos presente no discurso, observamos que os arquétipos sociais em relação à figura feminina mantiveram-se no conto de Irene Lisboa, visto que a personagem precisou adaptar suas ações às orientações da sociedade patriarcal da época.

PALAVRAS-CHAVE: Figura Feminina, Deslizamento Metafórico, Efeito de Sentidos.

10. Título: ALGUMAS DISCUSSÕES SOBRE A METÁFORA E SEU FUNCIONAMENTO NA LEITURA DA CRÍTICA DE JOSEFINA LUDMER
Autor(a): Monique Comin Losina

RESUMO: Este estudo tem como proposta apresentar as discussões iniciais sobre a metáfora e seu funcionamento a partir de uma pesquisa em andamento, intitulada “Leitura ‘en sincro’: o funcionamento metafórico na crítica de Josefina Ludmer”. Para tanto, nosso entendimento sobre a noção de metáfora articula-se com a proposta pecheutiana, que a entende como um processo sócio-histórico e fundamentalmente constitutivo do sentido, sobretudo, como modo de apresentação de “objetos para sujeitos” (PÊCHEUX, 2009, p. 123). Nessa perspectiva, situamos na obra “Aquí América Latina: una especulación”, de Ludmer, uma metáfora da leitura, isto é, uma forma ao mesmo tempo linguística e histórica – identificada como ‘en sincro’ – que constitui relações de sentidos sobre o que ler significa e que também propõem/constrói um modo particular de leitura da crítica (literária, cultural, social, política etc). A ideia de que ‘en sincro’ possa ser compreendida como um modo de leitura reacende as condições de produção/aparecimento dessa metáfora, o que nos leva ainda a discussões anteriores, que mobilizam uma série de reflexões que reformularam a noção de leitura, de interpretação e de metáfora. Encadeadas por autores como Pêcheux, Silviano Santiago, entre outros, em determinados contextos sócio-históricos, algumas dessas reflexões questionam os métodos de leitura da linguística, da psicanálise e das ciências sociais (como a Análise de Discurso); outras discutem as formas da crítica literária, especialmente da atividade estruturalista, para a qual o texto representa um

objeto semanticamente fechado. Teoricamente distintas, essas discussões e reflexões apontam questões em comum, como a constituição do sentido e o que ler quer dizer. Por essa razão, são fundamentais à compreensão da metáfora e de seu funcionamento na discursividade da crítica de Ludmer.

PALAVRAS-CHAVE: Metáfora. Leitura. Crítica.

11. Título: AS PAISAGENS-METÁFORA NA OBRA POÉTICA DE MANOEL DE BARROS
Autor: Marcelo Marinho

RESUMO: A presente pesquisa destina-se a perscrutar as formas de construção literária da paisagem na obra de um dos mais representativos poetas latino-americanos, o brasileiro Manoel de Barros (1916-2014). Essa obra é marcada por múltiplas representações sensoriais do entorno natural, sobretudo no que se refere à paisagem do Pantanal, metáfora do mundo. Com vistas ao estudo de aspectos significativos da relação entre espaço e literatura, busca-se articular os mais recentes aportes teóricos dos estudos sobre as relações entre paisagem e poesia, em convergência com ferramentas hermenêuticas tais como a estilística, os estudos culturais, a linguística. Em última instância, busca-se entrever os elementos de uma cartografia literária balizada por traços culturais eminentemente latino-americanos, em cujas linhas inscrevem-se metáforas portadoras de marcas latentes de identidade e alteridade, no correção entrelugar em que convergem cultura e natureza.

12. Título: O TEXTO COMO FORÇA: O EFEITO METAFÓRICO NO POSFÁCIO A LEITURA DISTRAÍDA, DE BERNARDO CARVALHO
Autor: NATAL CANALLE JUNIOR

RESUMO: A partir dos estudos de Pêcheux (2009), compreendemos a metáfora como processo sócio-histórico que serve como fundamento da apresentação de objetos para sujeitos. Por isso, nosso estudo parte da metáfora O texto como força, enunciada no posfácio intitulado A leitura distraída – escrito por Bernardo Carvalho – para o livro Ninguém Nada Nunca do escritor argentino Juan Jose Saer. Tomamos o presente posfácio como um discurso sobre leitura e buscamos

compreender, na perspectiva teórico-metodológica da Análise de Discurso franco-brasileira, ancorada nos trabalhos de Michel Pêcheux e Eni Orlandi, principalmente, os efeitos de sentido que o trabalho da crítica produz. Nossa pergunta central é: Que sujeito(s) e sentido(s) se constitui na formulação do posfácio? E essa pergunta apresenta alguns desdobramentos: (i) Qual noção sobre texto e sobre leitura de textos literários se constitui nessa formulação? Qual é o caráter material, a historicidade do(s) sentido(s) de leitura que está formulado neste posfácio? A partir dos recortes efetuados e analisados, compreendemos que nas formulações do sujeito do discurso, o texto age sobre o leitor, no processo de leitura. Podemos afirmar que as condições de produção são fundamentais para compreendermos as formações imaginárias em jogo nesse discurso. Por isso, chegamos à conclusão de que o lugar posfácio, entre outras características, apresenta o fator de ser a posteriori como característica constitutiva, e por isso simbolicamente, representa um olhar da crítica que tem um leitor efetivo no imaginário, e, configura-se, assim, como um espaço discursivo no qual sujeitos-leitores podem estabelecer um diálogo menos injusto.

PALAVRAS-CHAVE: Leitura. Posfácio. Efeito Metafórico. Discurso. Crítica literária.

13. Título: AS METÁFORAS DE LEITURA NO TEXTO DE PREFÁCIO 'BOM DE OUVIDO' DE ANA MARIA MACHADO

Autor(a): Grazielli Alves Almeida Canalle

RESUMO: O interesse pelo presente estudo surgiu a partir de nossa experiência acadêmica, na qual tivemos oportunidade de trabalhar com a temática de leitura. Devido a essa proximidade com a leitura, passamos a pensar também em outros aspectos que envolviam o ato de leitura, ou seja, não apenas o autor de literatura, o texto de literatura e o leitor, mas também com algo que estivesse envolvido nesse processo: a mediação. Então passamos a pensar no discurso sobre literatura, bem como, em quem escreve sobre esse discurso: o crítico de literatura. Dentre as leituras realizadas, um texto em particular nos chamou a atenção: Bom de Ouvido, de Ana Maria Machado. Um texto de prefaciamento que

apresenta o livro Comédias para se Ler na Escola, composto por vários textos escritos por Luis Fernando Verissimo, selecionados e organizados pela autora. Nessa direção, a partir do interesse por este estudo, em nosso dispositivo teórico procuraremos refletir a partir da questão principal: (i) Que metáforas de leitura constituem o texto de prefaciamento Bom de Ouvido, de Ana Maria Machado? E como se dá as condições de produção desse discurso sobre literatura? A partir desta pergunta principal, outro desdobramento surge: (ii) Que sentidos são produzidos no jogo entre formulação e constituição nesse discurso? Para refletir e compreender esses questionamentos, fizemos uma incursão nos estudos de Pêcheux, para refletirmos sobre o efeito metafórico que em nosso entendimento, é de fundamental importância para nosso trabalho. Por meio dos estudos de Pêcheux (2010), entendemos que esse efeito é “o fenômeno semântico produzido por uma substituição contextual, para lembrar que esse ‘deslizamento de sentido’ entre x e y é constitutivo do sentido ‘designado por x e y’” (PECHÊUX, 2010, p. 96). Para o autor, o deslizamento de (1) para (2) não afeta simplesmente (2), mas (1) também, o que significa que não podemos pensar um sem o outro, já que o sentido é sempre relação a (ORLANDI, 2010, p. 28).

PALAVRAS-CHAVE: Leitura. Prefácio. Efeito Metafórico. Discurso. Crítica literária.

14. Título: A LITERATURA CAMALEÔNICA: METAFORIZANDO

Autor: Ademir Paulo Giral dello

RESUMO: O discurso é carregado de recursos expressivos, dentre eles, a metáfora. E os sentidos de seus enunciados apenas existem nas relações de metáfora. Dessa maneira, este trabalho concerne a uma brevíssima reflexão acerca do valor semântico de metáfora, com apreciação de uma expoente metáfora presente no livro Clareza e mistério da crítica (1961), de Adolfo Casais Monteiro. A respeito da metodologia, o trabalho foi, quanto aos objetivos e às fontes de informações, uma pesquisa bibliográfico-exploratória, sendo a documentação indireta o principal instrumento de coleta de dados. Da apreciação crítico-reflexiva dos dados, constataram-se relevantes informações e implicações. Em primeiro lugar,

que o conceito de metáfora é multifacetado e polissêmico, isso em virtude de ter havido estudos, teorizações e sínteses sob diferentes vieses e perspectivas. Em segundo, que convergem as concepções quando concebem metáfora como substituição vocabular, nuances da língua, deslizamento, equívoco, inconsciência. Em suma, infere-se que quando se versa a respeito de metáfora, aborda-se um recurso quase impossível de não ocorrer na

língua(gem). Isso porquanto a própria linguagem constitui-se em processos de polissemia, de paráfrase, de ambiguidade. É o recurso que a torna mais expressiva e, sobretudo, desvela a historicidade inscrita nela, bem como a opacidade que a constitui.

PALAVRAS-CHAVE: Linguística. Análise de Discurso. Literatura. Metáfora.

GT 3 - Estudos Sociolinguísticos

Local: Sala 207 – Bloco B

6. Título: DE VERBO CAUSATIVO A MARCADOR DISCURSIVO EM SANTA CATARINA

Autora: Eliane Scherer

RESUMO: O foco deste estudo é a mudança linguística do verbo causativo deixar acompanhado dos verbos de percepção ou de cognição, como ver, pensar e lembrar a partir de uma abordagem Funcionalista. Objetivou-se descrever e analisar o uso de deixar no imperativo + pronome (tônico ou átono) ou Ø + verbo de percepção ou cognitivo (no infinitivo (+particípio)), como em deixa eu/me ver, deixa eu/me pensar (ou dar uma pensada), ou ainda deixa eu/me lembrar, nas diferentes cidades do estado de Santa Catarina. A investigação também considerou as formas em que existe o apagamento do pronome em deixa ver ou as formas reduzidas dexovê ou xovê. Os itens linguísticos analisados foram considerados em seu uso como um Marcador Discursivo, utilizado para planejamento cognitivo e manutenção de turno. Os dados foram provenientes do projeto intitulado “Variação e Mudança no Português do Oeste de Santa Catarina”, financiado com recursos da Chamada Pública FAPESC nº 04/2012 Universal, coordenado pela professora Cláudia Rost Snichelotto, em amostra sincrônica constituída por 32 entrevistas estratificadas em sexo/gênero, idade e escolaridade, monolíngues em português, e também do banco de dados VARSUL (Variação Linguística Urbana na Região Sul do Brasil), 96 informantes de SC, que contempla as mesmas células para análise (sexo, idade e escolaridade) em quatro cidades de Santa

Catarina: Chapecó, Lages, Blumenau e Florianópolis. Portanto, fatores sociais e estilísticos podem ser determinantes nas escolhas linguísticas, dado que cada falante, a depender da situação de comunicação, pode produzir usos diferentes dos itens analisados. Além disso, considerou-se que é através do uso da língua que a gramática emerge, dessa maneira foi possível delimitar as formas linguísticas recorrentes e contextos de produção em que o fenômeno ocorreu. Assim, a frequência do fenômeno também foi importante para definir um possível processo de gramaticalização para o item em análise. Este estudo foi financiado pela Chamada Pública FAPESC nº 02/2013.

PALAVRAS-CHAVE: Funcionalismo. Marcador discursivo. Frequência.

7. Título: OS MARCADORES DISCURSIVOS SABE? E ENTENDE? NA FALA CHAPECOENSE

Autora: KELLY TRAPP

RESUMO: Este trabalho tem como objetivo analisar e descrever os contextos de uso dos Marcadores Discursivos (MD) sabe? e entende? na fala de informantes monolíngues em português do município de Chapecó, Santa Catarina. Para tanto, foram utilizados dados linguísticos provenientes do Banco de Dados VARSUL (Variação Linguística na Região Sul do Brasil) e do Projeto “Variação e Mudança no Português do Oeste de Santa Catarina”. A amostra foi composta por 36 entrevistas, estratificadas por idade, sexo e escolaridade. O

aporte teórico desta pesquisa teve como base a interface do Sociofuncionalismo, segundo Naro (1998), Tavares (1999, 2003, 2013), Görski et al. (2003), Görski e Tavares (2015), cuja perspectiva teórica congrega os pressupostos da Teoria da Variação e Mudança Linguística e do Funcionalismo Linguístico de vertente norte-americana, sob o enfoque do processo de mudança linguística por gramaticalização. Dentre os resultados obtidos na pesquisa, destacamos os fatores extralinguísticos imbricados nos usos de *sabe?* e *entende?*. A análise de fatores de natureza social mostraram-nos que os informantes mais velhos e mais escolarizados favoreceram as ocorrências dos marcadores *sabe?* e *entende?* nesta comunidade, além de terem usos mais frequentes entre informantes do sexo/gênero feminino, no caso da amostra VARSUL. Entre os dois MDs, constatamos que *sabe?* é o mais frequente e corresponde à forma menos marcada, enquanto *entende?* corresponde ao item mais marcado nas amostras de fala chapecoense. O estudo realizado permite-nos, entre outros aspectos, inferir que *sabe?* encontra-se mais abstratizado, em um estágio mais avançado de mudança por gramaticalização, sendo que o marcador *entende?* ainda mantém matizes do seu verbo de origem.

PALAVRAS-CHAVE: Marcadores discursivos. Fatores extralinguísticos. Gramaticalização.

8. Título: A FALA DOS CAMPONESES: POR UMA GRAMÁTICA LIBERTADORA

Autor: JONATHAM SCHOLL

RESUMO: A gramática vem sendo mal interpretada nas instituições escolares. Muito

tem se perdido com ela. Ela promove preconceito – o aluno tem a fala corrigida – ela não liberta, padroniza, ela exclui a liberdade discursiva, promove o “linguicídio”. A padronização é um processo de homogeneização social que transforma todos em sujeitos iguais. Ela influencia na identidade do mesmo. Aqui, o sujeito em questão é o camponês. Esse perde sua identidade linguística e deixa de ser aquele que fala italiano ou alemão em casa ou em outros contextos. O camponês foi erroneamente rotulado como “Jeca Tatu” e isso intensificou os preconceitos, pois era alguém que falava “errado”. Não existe falar errado. Toda fala é uma manifestação. O discurso do sujeito é parte de sua identidade e, ao invés de corrigi-lo é necessário incentivá-lo a falar e valorizá-lo como componente cultural e identitário. A gramática deve ser uma alternativa e não a regra geral. Ela não deve ser um instrumento de padronização social eliminando qualquer forma de discurso que não se enquadre. O educando do meio rural pode falar “põe a mesa aqui” sem sofrer uma advertência corretiva: “quem põe é galinha. O termo correto é coloque”. Homogeneizar a língua é um monopólio. É por-se hierarquicamente em um lugar onde não se pertence. Os camponeses são sujeitos historicamente “oriundos” de um processo de imigração que colaborou com a construção da identidade do país. Ele recebe essa nomenclatura, pois possui uma identidade histórico-social construída. É aquele que vive no campo, que nasce e utiliza-se de outras línguas em casa – e, deveria, na escola.

PALAVRAS-CHAVE: Camponeses. Gramática. Identidade.

GT 6 - Discurso e Historicidade

Local: Sala 210 – Bloco B

7. Título: O MOVIMENTO DO TÍTULO NO "DICIONÁRIO DE PORTO-ALEGRÊS" DE LUIZ AUGUSTO FISCHER

Autor(a): Thais Costa da Silva

RESUMO: Este trabalho apresenta um estudo sobre a história dos dicionários no Rio Grande

do Sul no século XXI. Para isso, nos filiamos aos pressupostos teóricos da História das Ideias Linguísticas, tal como se concebe atualmente no Brasil. Inicialmente, nossa pesquisa trata da análise do título que é compreendido como um objeto linguístico. Nosso objeto material de pesquisa é constituído pelo o Dicionário de Porto-Alegre, de Luis

Augusto Fischer, publicado em 2004. Nosso corpus é formado pelo título do dicionário privilegiado para pesquisa mais explicitamente pelo termo "porto-alegrês" cujo efeito de sentido instaura semelhanças e dessemelhanças entre dicionários que constituem o discurso "sobre" o gaúcho (PETRI, 2012). Consideramos o título do dicionário publicado, no Rio Grande do Sul, no século XXI, que constitui um saber institucionalizado e que representa produções textuais ou de leituras relacionadas. Propomos o título como um dispositivo de reflexão, segundo Coracini (1989), o título é uma das unidades discursivas mais expostas à leitura em língua materna (LM) e em língua estrangeira (LE). Para a História das Ideias Linguísticas, o título é um lugar de representação de um texto, de um conhecimento, pois seria como algo que pode, eventualmente, estar em lugar de um texto (obra) (DIAS, 2001). De acordo com os princípios metodológicos propostos por Nunes (2006) em seus estudos sobre os dicionários no Brasil, algumas reflexões a respeito da historicidade dos dicionários, trazem elementos para compreender as continuidades e as transformações do discurso lexicográfico. A partir de Auroux (1992), entendemos que o dicionário é um "instrumento linguístico" elaborado por um sujeito sob determinadas condições sócio-históricas. Desse modo, se os sentidos não estão prontos, os dicionários relevam da representação que o sujeito tem a respeito da língua e isso mostra a heterogeneidade constitutiva desse instrumento linguístico. Consideramos por fim que o dicionário selecionado tem como suporte linguístico a língua portuguesa do Brasil, que possui em seu horizonte de retrospectiva outros dicionários, mas suas relações singulares com a literatura regional lhe confere particularidades.

PALAVRAS-CHAVE: Dicionários. Título. Historicidade.

8. Título: WILL AND GRACE A (IM)POSSIBILIDADE DE UMA TRADUÇÃO PERFEITA: O QUE ESPERAR? O QUE EXIGIR?

Autor: Jessica Coutinho

RESUMO: Com o passar dos anos uma nova forma de entretenimento ganhou espaço em nosso país – os seriados. Para compreendê-los, surge a demanda pela tradução

audiovisual. Essa ramificação da tradução se destaca por ser mais complexa que uma tradução de uma obra literária, já que conta com inúmeras normas técnicas, como o tempo de duração em cena e o número de caracteres. Questões como essas delimitam o trabalho do tradutor, figura que possibilita a compreensão para o telespectador, porém que nunca é creditado por sua obra. Ao contrário, é apenas lembrado quando o telespectador detecta erros em sua tradução. Da mesma forma, o telespectador tem a ilusão e expectativa de, ao ler a tradução, ter acesso direto ao texto original, sem interferências. Refletindo acerca da tradução, nos deparamos com inúmeros conceitos, muitos deles divergindo entre si. Para compreender a relação do tradutor com o seu trabalho e a noção de erro, apelamos para a Análise do Discurso de vertente francesa, de Michel Pêcheux, dialogando com os Estudos da Tradução. Para a Análise do Discurso, traduzir consiste em interpretar e, dessa interpretação, se constroem sentidos. Logo, o tradutor é visto como um sujeito ativo, sendo que sua tradução não fica isenta de sua subjetividade, impossibilitando o mito da tradução fiel. Não obstante, a língua é vista como incompleta, sendo que nem tudo pode ser dito por ela, o que desmistifica o conceito de erro. Considerando essas ponderações, o presente trabalho visa compreender o que motiva as escolhas do tradutor no processo de legendagem, tendo em vista o dizível e o não-dizível na relação fala/legenda, bem como a produção e efeitos de sentido. Para atingir tal objetivo, elencamos o seriado norte-americano Will and Grace como objeto de estudo. A partir de sequências discursivas desse seriado, analisaremos os efeitos de sentido na relação fala/legenda, identificando se ocorrem ganhos ou exclusões de marcas linguísticas discursivas no processo de tradução e de legendas. Com a análise, observamos o papel fundamental do tradutor como intérprete, possibilitando a produção de sentidos por parte do telespectador em meio a desafios e escolhas que o caracterizam como um sujeito entre línguas.

PALAVRAS-CHAVE: Tradução. Legendas. Análise do Discurso. Produção de Sentidos.

9. Título: OS SENTIDOS DE "MULHER" NO DICIONÁRIO AURÉLIO SÉCULO XXI

Autor(a): Evelise Pereira da Silva

RESUMO: O presente trabalho busca desenvolver um estudo sobre os sentidos de “mulher” no Dicionário Aurélio Século XXI, tomando as condições de produção do discurso do sujeito-lexicógrafo como noção norteadora. Para isso nos filiamos aos pressupostos teóricos da Análise de Discurso (AD) articulados à História das Ideias Linguísticas (HIL), tal como se concebe atualmente no Brasil. A partir de Auroux (1992), entendemos que o dicionário é um instrumento linguístico elaborado por um sujeito sob determinadas condições sócio-históricas, ou seja, o dicionário é produzido sobre certas condições de produção dos discursos. Nesse sentido, o dicionário é uma tecnologia que descreve e instrumentaliza a língua. Segundo Nunes (2006), o dicionário não é algo que estaria na mente das pessoas desde que elas nascem, mas sim, algo que é produzido por práticas reais em determinadas conjunturas sociais, com uma posição do sujeito historicamente constituída. Buscamos compreender os significados de “mulher”, a partir do funcionamento da ideologia na construção do verbete, ou seja, a posição social da mulher contemporânea construída no verbete. Consideramos que o dicionário é visto como um discurso sobre a língua, mais especificamente sobre as palavras ou sobre um setor de realidade, para um público leitor, em certas condições sociais e históricas.

10. Título: O INSTRUMENTO NO PERCURSO DA LÍNGUA: REFLEXÕES INICIAIS SOBRE A NOÇÃO DE BRASILEIRISMO

Autores: Kelly Fernanda Guasso da Silva e Luiza Boézzio Greff

RESUMO: Situados nas perspectivas teóricas da Análise de Discurso de linha francesa e da História das Ideias Linguísticas, tal como se desenvolvem no Brasil atualmente, consideramos que o sujeito produz conhecimentos na/pela língua e que, nesse viés, deve ser apreendido em sua dimensão histórica. Assim sendo, propomos uma reflexão acerca da consideração da noção de “brasileirismo” e de suas possíveis relações com o que entendemos por língua, discurso, sujeito e instrumentos linguísticos. Buscamos suporte nas reflexões de Auroux (1992), no que concerne aos instrumentos linguísticos, e em Orlandi (1988; 1998) e Guimarães (2005), no que toca as questões de língua, discurso,

historicidade e política. Analisando materialidades discursivas presentes na apresentação e/ou prefaciamento de dicionários produzidos durante a segunda metade do século XX, nosso objetivo é explicitar como a forma-sujeito, por meio de uma tomada de posição, ao produzir seu discurso, se relaciona com a língua a qual descreve e da qual faz parte e mobiliza/manifesta uma política de língua. Diante disso, nossa questão de pesquisa gira em torno das seguintes perguntas: Como a política de línguas funciona para determinar um brasileirismo? O que estava em funcionamento política e historicamente para determinar um brasileirismo nos dicionários do século XX? Por que os brasileirismos ainda figuram nos dicionários da atualidade? À procura de respostas nos propomos a recuperar a história e a memória de um país, sua língua e, conseqüentemente, dos sujeitos que o constitui atravessadas por um processo de dominação. Inseridos na linha de pesquisa Língua, sujeito e história, as discussões empreendidas neste trabalho fazem parte de um estudo maior, ainda em sua fase inicial, que é a nossa dissertação de mestrado.

PALAVRAS-CHAVE: Língua. Instrumento. Discurso. Sujeito. Brasileirismo.

11. Título: O DIZER SOBRE O SUJEITO PROFESSOR: RELAÇÕES DE FORÇA E SENTIDO, NA/PELA HISTÓRIA

Autor: Ieda Márcia Donati Linck

RESUMO: Pela História das Ideias Linguísticas, buscamos pensar o modo como a história inscreve-se no discurso, produzindo sentidos no discurso sobre o sujeito professor. O discurso, na prática docente, ainda está permeado do pensamento pedagógico e moral dos jesuítas, no qual a submissão era absoluta à regra, ao superior, ao dogma, às conveniências da ordem, pautada, cumpre acrescentar, por uma elevadíssima noção de seu dever para com Deus e a Igreja. A relação entre o discurso pedagógico e o religioso aponta fatos que não podem ser separados quer seja entre a escola e a religião, quer seja no que tange ao imaginário de quem fala e de quem é falado no discurso pedagógico. No início da colonização brasileira e durante os séculos que se sucederam, a educação era de responsabilidade da igreja, sob tutela do

Estado. Vale pensar que a missão que se dá para o ensino, o tipo de colégio que se fundou, os professores que foram "os escolhidos", selecionados para ensinar e assim "manter o silêncio na escola, a exatidão e a fé", as normas, os regimentos, os currículos, os projetos institucionais, são acontecimentos que ressoam até hoje, os quais são constitutivos do imaginário do sujeito professor que se tem atualmente: um escolhido para cumprir " a missão". Esses dizeres são resultantes de processos discursivos pela antecipação das relações de força e de sentido. O emissor projeta, na antecipação, uma representação imaginária do receptor e, assim, estabelece suas estratégias discursivas (PÊCHEUX, 2009). Há nisso um sentido ideológico, que retoma a questão da catequese, um espaço de controle social e ideológico (RENZO, 2002). O discurso, a representação e a práxis pedagógica estão imbricados como produtos de um contexto sócio-histórico, no qual a ideologia faz-se palavra, faz-se gesto. São os dizeres acadêmicos apontando aspectos do discurso religioso em seu discurso sobre o professor de forma geral. Orlandi (2007, p. 49) vai além, ao afirmar que "se não sofrer os efeitos do simbólico, ou seja, se ele não se submeter à língua e à história, ele não se constitui, ele não fala, ele não produz sentidos".

PALAVRAS-CHAVE: Discurso. Ideologia. Historicidade.

12. Título: A CONSTITUIÇÃO E CIRCULAÇÃO DO CONHECIMENTO LINGUÍSTICO NA REVISTA BRASILEIRA DE FILOLOGIA
Autor(a): Caroline Mallmann Schneiders

RESUMO: Nesta comunicação, visamos a refletir sobre o processo de constituição e circulação do conhecimento linguístico a partir de revistas científicas, considerando que as mesmas cumprem um papel fundamental tanto

no processo de comunicação da ciência como na legitimação do conhecimento científico. Partindo dessa importância das revistas científicas, interessa-nos compreender o funcionamento discursivo da Revista Brasileira de Filologia, uma revista representativa que circulou a partir de meados dos anos de 1950 e início de 1960, no âmbito do contexto nacional brasileiro. Tendo em vista tal revista científica e a conjuntura sócio-histórica de sua circulação, buscamos analisar como essa materialidade discursiva contribui para a legitimação de determinados domínios de saber, em especial, da Filologia, da Linguística e da Dialectologia. Diante disso, nosso objetivo principal é compreender como essa revista, dita especializada, influencia e contribui para o estabelecimento e constituição do conhecimento linguístico tanto no contexto nacional, como no sul do Brasil. Para tanto, filiamo-nos aos pressupostos teóricos da História das Ideias Linguísticas e da Análise de Discurso, tal como ambas se desenvolvem no Brasil. O enfoque dessa reflexão volta-se para a determinação histórica do processo discursivo analisado e, em especial, para a circulação do conhecimento, por possibilitarem a observação dos saberes e das filiações de sentidos que se estabelecem em dada conjuntura e condições de produção. Pelo modo de circulação, compreendemos, como menciona Orlandi, os trajetos dos dizeres, os quais são igualmente carregados de sentidos, já que "os sentidos são como se constituem, como se formulam e como circulam" (2005, p. 12). Tratar da circulação do conhecimento torna-se fundamental para pensarmos também a sua legitimação, pois, a partir do que está posto em circulação, podemos explicitar quais saberes podem e devem ser ditos em determinadas condições de produção.

PALAVRAS-CHAVE: Constituição. Formulação. Circulação.

GT 9 - Diversidade e Mudança Linguística

Local: Sala 203 – Bloco B

7. Título: PANORAMA DA DIVERSIDADE LINGUÍSTICA NA REGIÃO SUL DO BRASIL
Autores: Marcelo Krug e Cristiane Horst

RESUMO: A presente comunicação tem como tema apresentar a diversidade linguística existente no sudoeste do Brasil, região de fronteira do Brasil com o Uruguai, a Argentina e o Paraguai, área de estudos do “Atlas das Línguas em Contato na Fronteira”. Em virtude da facilitação da imigração europeia e das correntes migratórias internas, objetivando a colonização da região fronteira, tivemos a entrada de variedades linguísticas diversas na região. A partir de levantamentos feitos até o momento para a constituição do “Atlas das Línguas em Contato na Fronteira”, verificamos que, além do português, do espanhol e do espanhol de fronteira (ou portunhol), são faladas outras quinze variedades linguísticas a citar: Indígenas – Mbya-Guarani e Kaingang; Alemães – Hunsriqueanos – Pomeranos – Westfalianos (1824) (1903); Italianos – Talian (1874) - (1914); Poloneses (1841) – (1959); Russos (1905) (1942); Japoneses (1908) (1950); Turcos (2000); Chineses (2000); Ucrânios; Libaneses; Afrodescendentes – Quilombo de Giruá e mais recente, Haitianos e Senegaleses (2012). Entender a dinâmica que deu origem a essa diversidade é de fundamental importância para estudos posteriores, pois cada grupo procura preservar sua variedade e, no convívio com outro grupo, elegem a língua oficial do país como variedade padrão. Podemos dividir os grupos como natos, as tribos indígenas (Guarani e Kaingang), os grupos de domínio, ou seja, os de origem lusa; os grupos de imigração e os grupos de migração, descendentes dos imigrantes que migraram para a região e os remigrados, ou seja, aqueles que migraram para o oeste do Brasil, porém retornaram ao ponto de partida. Para o levantamento dos dados foi elaborado um questionário com 472 questões diretas e 1047 indiretas, que permitem coletar dados extralinguísticos como, identificar a origem e a identidade dos informantes, quanto ao levantamento de dados linguísticos de ordem fonético, fonológica, sintática, semântica e lexical. A coleta dos dados segue a teoria e metodologia da pluridimensionalidade

apresentada e desenvolvida por Thun 1996 e aplicada nos atlas ADDU, ALGR, ALMA e em partes, no ALiB. Apresentar fatores extralinguísticos que influenciem na constituição da diversidade linguística das áreas de fronteira é objetivo desta fala.

8. Título: O TALIAN NA FALA DOS ÍTALO-BRASILEIROS EM CHAPECÓ - SC E PATO BRANCO - PR: MANUTENÇÃO E SUBSTITUIÇÃO DOS TERMOS DE PARENTESCO

Autora: Paula Cristina Merlo Bortolotto

RESUMO: Esta pesquisa descreveu e analisou a manutenção e a substituição dos termos de parentesco do talian pelos termos de parentesco do português, na fala de informantes ítalo-brasileiros em Chapecó, Santa Catarina (SC) e Pato Branco, Paraná (PR); em contextos plurilíngues, de contato linguístico do talian com o português do Oeste de SC, com o português do Sudoeste do PR, com o português padrão e com o italiano. A partir do contato de diferentes variedades linguísticas vindas do norte da Itália ao sul do Brasil, com predomínio do vêneto e do lombardo, formou-se uma coíné, chamada de talian ou vêneto brasileiro. As localidades da pesquisa, Chapecó e Pato Branco, se desenvolveram no século XX, caracterizando-se como área de migração interna. A análise dos dados seguiu os moldes teórico-metodológicos da Dialetoologia Pluridimensional e Relacional, contemplando o espaço variacional e a pluralidade dos informantes que compõem as duas localidades. Dessa maneira, foram entrevistados 16 informantes ítalo-brasileiros, isto é, com sobrenome de pai e mãe com descendência italiana, sendo oito em cada ponto. Para tanto, foram levadas em consideração as dimensões diatópica (pontos geográficos – Chapecó SC e Pato Branco PR), diageracional (idade – GII (55 anos ou mais) e GI (de 18 a 36 anos de idade)), diassexual (gênero/sexo – masculino e feminino), diastrática classe social/escolarização – Ca (com graduação ou mais) e Cb (de nenhuma escolaridade até o Ensino Médio)), dialingual (bilíngues talian-português) e diafásica (variação de estilo no

roteiro de entrevista – questionário, conversa livre semidirigida e leitura). O fenômeno linguístico lexical estudado, os termos de parentesco, se classificam em três tipos: termos de parentesco sanguíneo (bisavô, bisavó, vovô, vovó, pai, mãe, filho, filha, tio, tia, primo, prima, sobrinho, sobrinha etc.); termos de parentesco de aliança (marido, esposa, homem, mulher, sogro, sogra, genro, nora, cunhado, cunhada, padrao, madrao, enteado, enteada etc.) e termos de parentesco espiritual (padrinho, madrinha, afilhado, afilhada, comadre, compadre). A análise das respostas espontâneas do questionário lexical aponta para 30% de manutenção das variantes do talian em Chapecó SC e 28% em Pato Branco PR e 66% de substituição para o português, em ambos os pontos geográficos.

PALAVRAS-CHAVE: Contato linguístico italiano-português. Dialectologia Pluridimensional e Relacional. Manutenção e substituição linguística. Termos de parentesco.

9. Título: DISCUSSÃO, REFLEXÃO E INTERCÂMBIO SOBRE FENÔMENOS LINGUÍSTICOS: AMBIENTE DE TROCAS ENTRE PROFISSIONAIS QUE TÊM A LÍNGUA PORTUGUESA COMO OBJETO DE INTERESSE

Autora: Rossaly Beatriz Chioquetta Lorenset

RESUMO: A comunicação que se propõe para este simpósio é acerca da participação da pesquisadora no V SIMELP – V Simpósio Mundial de Estudos de Língua Portuguesa – de Volta ao Futuro -, nos dias 8 a 11 de outubro de 2015, na Università Del Salento, na cidade de Lecce, no sul da Itália. Com a apresentação do

trabalho “Língua e Direito – uma relação de nunca acabar: uma análise de ementários do componente curricular de Língua Portuguesa em graduação de Direito”, a pesquisadora abordou a temática que desenvolveu em sua pesquisa de Mestrado na UFFS, na qual analisou os ementários dos componentes curriculares de Língua Portuguesa do curso de Direito da Unoesc Xanxerê, desde a criação do curso, no ano de 2000, até 2013, ano da última alteração do Projeto Político Pedagógico. O evento SIMELP tem como concepção básica a ideia de congregação de estudiosos da língua portuguesa de todo o mundo – no que se refere à divulgação, ao ensino e à pesquisa – em simpósios constituídos como espaços de discussão nas áreas da língua, da linguística, da literatura, da tradução e da cultura e conta com a participação de universidades de todos os continentes. No mundo globalizado, de contato intra e interlingual, busca-se compreender os processos pelos quais se dá o movimento de variação e mudança nas línguas e variedades em contato, notadamente nos países lusófonos, e observar o modo como o falante os percebe. Objetiva-se compartilhar esta experiência de discussão, intercâmbio e reflexão sobre fenômenos linguísticos em um evento democrático que fomenta ambiente propício para trocas entre pesquisadores, estudantes e profissionais de diferentes áreas que têm a língua portuguesa como objeto de interesse.

PALAVRAS-CHAVE: Experiência de intercâmbio sobre fenômenos linguísticos. Ensino de Língua Portuguesa. Mudança nas línguas em países lusófonos.